

MULHERES & BETS

o custo das apostas online
para as brasileiras e suas famílias

Agosto 2026

CLARICE



Ficha técnica

REALIZAÇÃO

CLARICE

Ana Clara Toledo

Beatriz Della Costa

Gisele Sakamoto

Mariana Ribeiro

PESQUISA QUALITATIVA

Estratégia Latina

Camilla Rocha

Esther Solano

Giovanna Marquesano

Thaís Pavez

PESQUISA QUANTITATIVA

Instituto de Pesquisa IDEIA

Bruno Nichols

Cristiana Brandão

Mauricio Moura

IDENTIDADE VISUAL

Audrey Tigre

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Artur Porto

COMUNICAÇÃO DIGITAL

Lia Bock

Camila Eiroa

FINANCIAMENTO

Open Society Foundations

CLARICE

Somos um estúdio de inteligência e de imaginação sobre mulheres e poder. Combinamos pesquisas e análises sobre cultura e sociedade com força criativa, desenvolvendo projetos audiovisuais, editoriais e experiências capazes de transformar a forma como a sociedade pensa, percebe e pratica a liderança das mulheres. O que nos move é a convicção de que cultura forma imaginários e que imaginários definem o campo do possível. Por isso pesquisamos, criamos e contamos histórias.

Estratégia Latina

A Estratégia Latina é uma consultoria que utiliza métodos inovadores de pesquisa e análise de opinião pública que oferecem resultados ágeis e aprofundados, voltados à tomada de decisões estratégicas e ao desenho de soluções de comunicação.

Instituto de Pesquisa IDEIA

Criado em 2011, o IDEIA é um instituto de pesquisa especializado em opinião pública. O IDEIA desenvolve projetos de pesquisa qualitativa e quantitativa, análise de dados e estratégia digital no Brasil e no exterior. Somos uma empresa que preza pela experiência e pela inovação e adota uma visão “agnóstica” de aplicação de metodologias de pesquisa para levantar as opiniões e percepções da opinião pública.

Agradecimentos

Esta pesquisa não poderia ter sido feita sem a contribuição de muita gente.

Agradecemos profundamente às 54 mulheres e aos seis homens que participaram das entrevistas e compartilharam conosco suas histórias. Elas são a base fundante da nossa investigação e deste relatório. Obrigada por confiarem em nós.

Agradecemos também às pessoas, organizações e instituições com as quais trocamos e cujos trabalhos informaram esta pesquisa. Agradecemos especialmente à Associação de Proteção e Apoio ao Jogador (APAJ), à 342 Artes, ao Instituto de Estudos para Políticas de Saúde (IEPS), ao Bonde e à Quid pelos trabalhos brilhantes de combate à epidemia de apostas online e por todas as trocas que ajudaram a orientar esta pesquisa.

Esta investigação foi construída a muitas mãos, como deve ser.

Em nome do Estúdio Clarice,

obrigada.

Destaques

As apostas já se infiltraram em metade dos lares brasileiros



49%

**dos brasileiros apostam
ou já apostaram**



42%

**das mulheres apostam
ou já apostaram**

Fontes: Q20; Q55.1; Q55.3; Q56;
Q63. Base: total da amostra, n =
2.008. Recorte por gênero: mu-
lheres n = 1.062; homens n = 946.

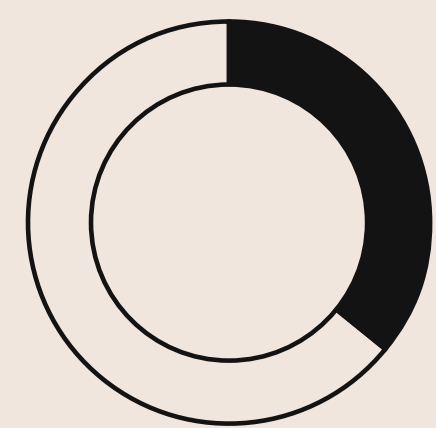
Destaques

O Brasil está contra as bets, e as mulheres lideram a conversa



62%

**das mulheres apoiam
a proibição das casas de apostas**
vs. 50% dos homens



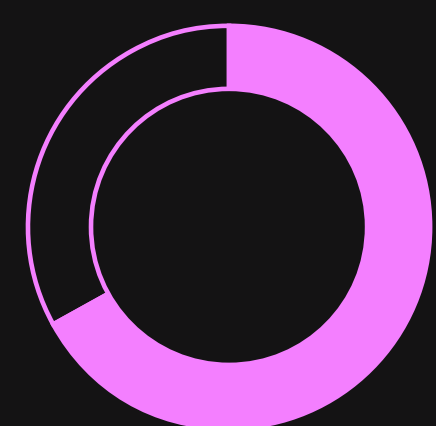
36%

**das mulheres definem
as apostas online como um vício**
vs. 30% dos homens

Fontes: Q20; Q55.1; Q55.3; Q56;
Q63. Base: total da amostra, n =
2.008. Recorte por gênero: mu-
lheres n = 1.062; homens n = 946.

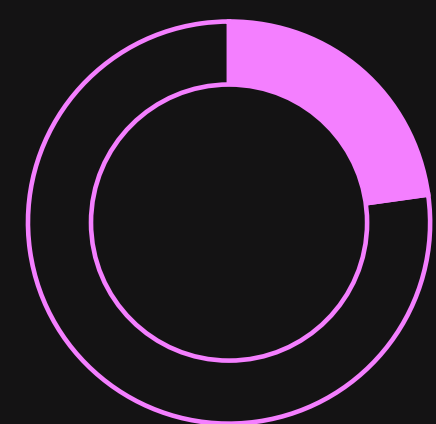
Destaques

As apostas estão colocando as famílias em **risco**



67%

das mulheres afirmam que as apostas estão **acabando com as famílias brasileiras** (vs. 59% dos homens)



23%

dos brasileiros conhecem ou presenciaram alguma situação em que as apostas contribuíram para **casos de violência** dentro da família

Fontes: Q20; Q55.1; Q55.3; Q56; Q63. Base: total da amostra, n = 2.008. Recorte por gênero: mulheres n = 1.062; homens n = 946.

Como ler este relatório

NESTE ESTUDO, O TERMO **“BETS”** designa as plataformas de apostas de quota fixa regulamentadas pela legislação brasileira. Inclui tanto as apostas esportivas quanto os jogos online autorizados – jogos de cassino virtual (roleta, caça-níqueis e *Fortune Tiger*, entre outros) e jogos de sorte instantânea, como os crash games (*Aviator*, por exemplo).

Ao longo do relatório, **“vício”** e **“dependência”** são empregados no sentido usado pelas próprias entrevistadas e pela opinião pública, e não como categoria médica ou diagnóstica.

“Apostadoras” são as mulheres que apostam atualmente; **“ex-apostadoras”**, as que já apostaram e não apostam mais; **“impactadas”**, as que não apostam, mas são afetadas pelas apostas de parceiros, familiares ou amigos. As três categorias vêm da autoclassificação das respondentes.

Sumário

Resumo Executivo *pg 10*

Metodologia *pg 11*

Por que olhar para as bets através das mulheres *pg 13*

1. O CONTEXTO

como viemos parar aqui *pg 16*

1.1. Terreno fértil para as bets *pg 17*

1.2. Quem foi pega na armadilha *pg 22*

2. A PROMESSA

**como as bets constroem narrativas
em cima dos imaginários das mulheres** *pg 26*

2.1. Uma chance de redenção *pg 30*

2.2. A liberdade de fazer o que quer *pg 33*

2.3. Confiança como canal de vendas *pg 37*

2.4. Todo mundo está ganhando? *pg 47*

2.5. Só depende de você (e a culpa é sua) *pg 50*

2.6. O experimento: o país diante de Mariana e Marcos *pg 56*

2.7. A promessa não cumprida *pg 60*

3. O ALERTA

quando o jogo toma o lugar do cuidado *pg 65*

3.1. A destruição das famílias por dentro *pg 68*

3.2. Mulheres em risco *pg 69*

3.3. Sem paz em casa *pg 72*

3.4. Crianças e adolescentes também jogam *pg 79*

3.5. Sofrimento, culpa e vergonha *pg 82*

3.6. Tudo em cima dela *pg 87*

4. AS ROTAS DE FUGA

elas já começaram a sair *pg 90*

4.1. Elas já estão saindo *pg 91*

4.2. O que o país pensa das bets *pg 94*

4.3. As soluções e sua reverberação na opinião pública *pg 99*

4.4. As mulheres como chave da contenção *pg 102*

5. CONCLUSÃO

uma crise de todos e uma saída que passa por elas *pg 105*

6. Anexos *pg 108*

Resumo Executivo

QUANDO O BRASIL PENSA EM APOSTAS ONLINE, pensa em homens. Este estudo mostra que são as mulheres que absorvem de forma desproporcional o impacto do avanço das bets no país, justamente onde a crise é menos visível e mais aguda: dentro de casa.

Com base em entrevistas qualitativas e em uma enquete nacional de amostra representativa, **Mulheres & Bets** revela que o impacto das apostas online vai além do dano material causado pelo endividamento. As bets sequestram o imaginário do cuidado — o principal poder social atribuído às mulheres no Brasil — prometendo resolver a vida, gerar sustento para a família ou oferecer alívio diante de uma vida mínima. Em contrapartida, entregam dívida, culpa e rupturas de confiança que atingem igualmente quem aposta e quem não aposta, mas convive com apostadores.

Entre as brasileiras, 42% já apostaram ou apostam atualmente, e outras 12%, que nunca apostaram, são **impactadas** por apostas de parceiros ou familiares.

Juntas, mais da metade das mulheres do país já sentiu o efeito direto do fenômeno.

Mulheres com filhos apostam mais que mulheres sem filhos, dado que ancora o achado central do estudo: para elas, a aposta nasce menos como lazer e mais como estratégia de administração doméstica.

A pesquisa qualitativa identifica três mecanismos culturais que ajudam a explicar por que as bets capturam as mulheres com eficácia particular:

Elas entram no jogo como extensão da responsabilidade e do trabalho de prover para a casa: pagar a conta de luz, comprar o presente do filho, colocar em dia os boletos atrasados.

O acesso às apostas se dá por redes de confiança — amigas, irmãs de igreja, microinfluenciadoras de bairro —, que as plataformas convertem em canal de vendas, recompensando quem indica não apenas pela indicação, mas também pelas perdas de quem entra no jogo.

A culpa pela perda é vivida através da identidade materna: a mulher se sente mais culpada porque falhou em seu papel de cuidadora, e não apenas porque perdeu dinheiro.

O custo emocional é alto e silencioso: 65% das mulheres que quiseram buscar ajuda para parar de apostar não o fizeram por vergonha. Entre as **impactadas**, quase 1 em cada 4 relata perda de confiança e conflitos familiares diretamente ligados às apostas de alguém próximo.

Apesar da polarização política do país, a rejeição às bets é transversal: 56% dos brasileiros apoiam a proibição das casas de apostas — com apoio de 62% entre eleitores de Lula e 56% entre eleitores de Bolsonaro (referentes à eleição de 2022) — e as mulheres puxam esse apoio (62%). São também elas que primeiro percebem os sinais de alerta em casa e que já agem, muitas vezes sozinhas, para conter os danos.

O estudo conclui que nenhuma política de enfrentamento às bets será eficaz se não for desenhada a partir da experiência das mulheres — como **apostadoras**, como **impactadas** ou como a rede de contenção que já opera, sem apoio institucional, dentro dos lares brasileiros. As diretrizes narrativas, políticas e de investigação apresentadas no Anexo partem desse princípio.

Metodologia

ESTE RELATÓRIO FOI CONSTRUÍDO a partir de um estudo qualitativo e de uma enquete quantitativa de amostragem nacional.

Etapa qualitativa

O estudo qualitativo foi conduzido pelo instituto de pesquisa Estratégia Latina com o objetivo de compreender como se organiza o imaginário social das apostas online e como ele se conecta às experiências das mulheres brasileiras.

As entrevistas foram realizadas em junho e julho de 2026 com mulheres de dois perfis complementares: mulheres que apostam e mulheres **impactadas** diretamente por apostas de parceiros ou familiares. Para ambas, o foco foi nas classes C, D e E, nas regiões Sudeste e Nordeste, com presença de mulheres autodeclaradas brancas, pretas e pardas. Também foram feitas entrevistas complementares com homens apostadores, jovens **apostadoras** e **ex-apostadoras**, que ajudaram a capturar nuances e contrapontos aos resultados.

Foram realizadas 20 tríades – entrevistas simultâneas com três pessoas de características semelhantes:

| **6** tríades com mulheres **apostadoras**;

| **6** tríades com mulheres **impactadas**;

| **2** tríades com maridos apostadores;

| **1** tríade com mulheres jovens **impactadas**;

| **1** tríade com mulheres jovens **apostadoras**;

| **1** tríade com filhas e filhos impactados;

| **1** tríade com mulheres **ex-apostadoras**;

| **1** tríade complementar com mães **apostadoras** cujos filhos e filhas também apostam;

| **1** tríade complementar com mães **impactadas** cujos filhos e filhas também apostam.

Ao todo, foram ouvidas 60 pessoas, com idades entre 18 e 58 anos, residentes em São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, na região Sudeste, e na Bahia, no Ceará, na Paraíba, em Pernambuco e em Sergipe, na região Nordeste.

A amostra reuniu mulheres com diferentes posicionamentos ideológicos – progressistas, conservadoras e indecisas quanto ao voto para a Presidência em 2026 – além de perfis diversos de inserção no mercado de trabalho: autônomas, trabalhadoras com carteira assinada, empreendedoras e desempregadas. As entrevistas foram realizadas online e tiveram duração aproximada de uma hora.

A análise do material foi conduzida por meio de uma abordagem indutiva. A partir desse processo, foi possível desenvolver os eixos que organizam o imaginário das apostas online, permitindo que as próprias narrativas das participantes orientassem a estrutura da pesquisa.

Etapa quantitativa

O estudo quantitativo foi desenvolvido pelo Instituto de Pesquisa IDEIA com o objetivo de entender as características, os valores e as opiniões dos brasileiros sobre apostas online.

O trabalho de campo foi realizado entre 8 e 9 de julho de 2026, por meio de painel mobile, com questionário elaborado segundo os objetivos da pesquisa, a partir dos achados da fase qualitativa. Foram feitas 2.008 entrevistas com brasileiros residentes em todo o território nacional, com cotas estabelecidas segundo a distribuição da população de acordo com o Censo 2022, PNAD de 2025.

Dentro dessa mesma etapa, foi realizado um experimento para medir se homens e mulheres são julgados de forma diferente ao perder dinheiro com apostas.

O intervalo de confiança adotado é de 95%, com margem de erro estimada em aproximadamente 2,2 pontos percentuais, para mais ou para menos, sobre os resultados do total da amostra.

Análise e narrativa

A coordenação do estudo e a análise integrada dos resultados foram conduzidas pela **CLARICE**, que combinou os achados da etapa qualitativa e da enquete quantitativa em uma leitura única, identificando os pontos em que as histórias explicam os números e os números dão escala às histórias. A estrutura narrativa do relatório decorre dessa abordagem: as vozes das entrevistadas conduzem o texto, e a análise as situa no fenômeno mais amplo que os dados quantitativos revelam.

A essa análise, a **CLARICE** somou sua lente própria: a pesquisa *Imaginário de Poder das Mulheres Brasileiras* (2026), que mapeou a forma como os brasileiros pensam, percebem e praticam a liderança das mulheres. Essa lente funciona aqui como referência para interpretar o que as apostas online capturam do imaginário das mulheres e como esses mesmos imaginários estão sendo mercantilizados e corroídos.

Na leitura da enquete quantitativa, optamos por focar a análise nos dados das mulheres, trazendo os resultados dos homens como comparação quando relevante, para identificar assimetrias de gênero. A análise quantitativa explorou quatro dimensões, cada uma com uma função específica na leitura do impacto do fenômeno das apostas sobre as brasileiras:

Região: cobrimos todas as regiões do Brasil, o que permite identificar tendências emergentes e diferenças de impacto territorial.

Faixa etária: o recorte geracional mostra quais gerações estão mais suscetíveis às apostas e orienta soluções desenhadas para públicos distintos.

Posição política: buscamos capturar se as crenças ideológicas influenciam a disposição para apostar e a forma de responsabilizar atores públicos e privados.

Raça: analisamos os impactos desiguais sobre parcelas específicas da população, identificando grupos que precisam de maior atenção. No cruzamento entre raça e gênero, no entanto, a base de mulheres negras (pretas e pardas) **apostadoras** é pequena; por isso, os dados são apresentados de forma descritiva e apontam a necessidade de estudos dedicados.

Ao comparar subgrupos da amostra (gênero, raça, classe, região, idade, perfil de aposta), destacamos como diferenças apenas variações iguais ou superiores a 5 pontos percentuais — aproximadamente o dobro da margem de erro (2,2 pontos). Variações menores, quando apresentadas, têm caráter descritivo, sem valor comparativo; é o caso também dos cruzamentos de bases reduzidas, como raça e gênero.

Por que olhar para as bets através das mulheres

Que as apostas online endividam as famílias brasileiras, o país já sabe. Seja na bet esportiva, seja nos cassinos digitais, este estudo revela uma destruição maior e muito mais difícil de reverter: a das relações, dos afetos, da saúde mental e da família por dentro. No epicentro dessa crise, estão as mulheres e suas famílias.

Foi justamente aí que este estudo se concentrou: na vida das mulheres e dentro de suas casas. Sendo apostadoras ou não, são elas a parcela da população mais impactada, uma vez que administram as dimensões materiais (o orçamento) e emocionais (as relações) da maior parte das famílias brasileiras, como os dados a seguir demonstram.



A perspectiva das mulheres
é a única a partir da qual se
vê a crise inteira.



Sem escutá-las, não é possível medir o tamanho real do problema. Tampouco é possível desenhar estratégias de resposta eficazes sem considerar as mulheres e seu papel social dentro deste fenômeno.

Por isso, também não há como analisá-lo sem olhar para as estruturas culturais que hoje ancoram o papel das mulheres no Brasil. É preciso entender como esses imaginários sociais são apropriados pelas apostas online, por meio de narrativas que prometem poder, vida digna, autonomia e a possibilidade de cuidar da família — promessas que, na prática, resultam em perdas financeiras, dívidas, danos emocionais, rompimento de vínculos afetivos e, no limite, na erosão da própria capacidade da mulher de exercer seu papel social.

A CLARICE, como organização da sociedade civil, investiga imaginários sobre mulheres e poder no Brasil — tanto os que expandem e potencializam o papel e a influência das mulheres na sociedade quanto os que limitam e restringem sua atuação.

A pesquisa *Imaginário de Poder das Mulheres Brasileiras* (CLARICE, 2026), com dados coletados entre 7 e 14 de novembro de 2025, revelou que é “na minha família” que 67% das brasileiras dizem “se sentir uma pessoa poderosa” — no trabalho, apenas 23%. Questionados sobre quais áreas vêm primeiro à mente como espaços “naturais” para as mulheres atuarem, em pergunta de

múltipla escolha, os brasileiros (homens e mulheres) responderam saúde (38%), educação (35%) e família (32%). É nesse território de imaginário que as bets operam.

As bets vendem às mulheres o poder que elas nunca tiveram e corroem o único que lhes era reconhecido: o cuidado.

Para as mulheres, a disputa de imaginário é mais corrosiva justamente porque atua sobre o principal poder que a sociedade lhes reconhece e concede. O risco que este estudo documenta é o de uma indústria operando, em escala, dentro de uma lógica financeira extrativista, que produz perdas materiais ao mesmo tempo em que atinge a autonomia e o fortalecimento das mulheres brasileiras.

Nas páginas a seguir, são elas que falam — como **apostadoras** e como **impactadas**, as duas posições principais desta crise. Da promessa que chega pelo link de uma amiga à madrugada em que o dinheiro do aniversário da filha vira aposta; da dívida escondida ao agiota batendo à porta. A escuta com mães **apostadoras** revelou ainda um estágio mais alarmante do fenômeno: o jogo chegando a crianças e adolescentes. Este estudo existe para que o país veja o que elas vivem e reconheça o que já sabem sobre as rotas de saída.

Fonte: CLARICE. *Imaginário de Poder das Mulheres Brasileiras*. Pesquisa quali-quantitativa com 2.036 brasileiros, 2025-2026. Disponível em: <https://clarice.cc/pesquisa>.



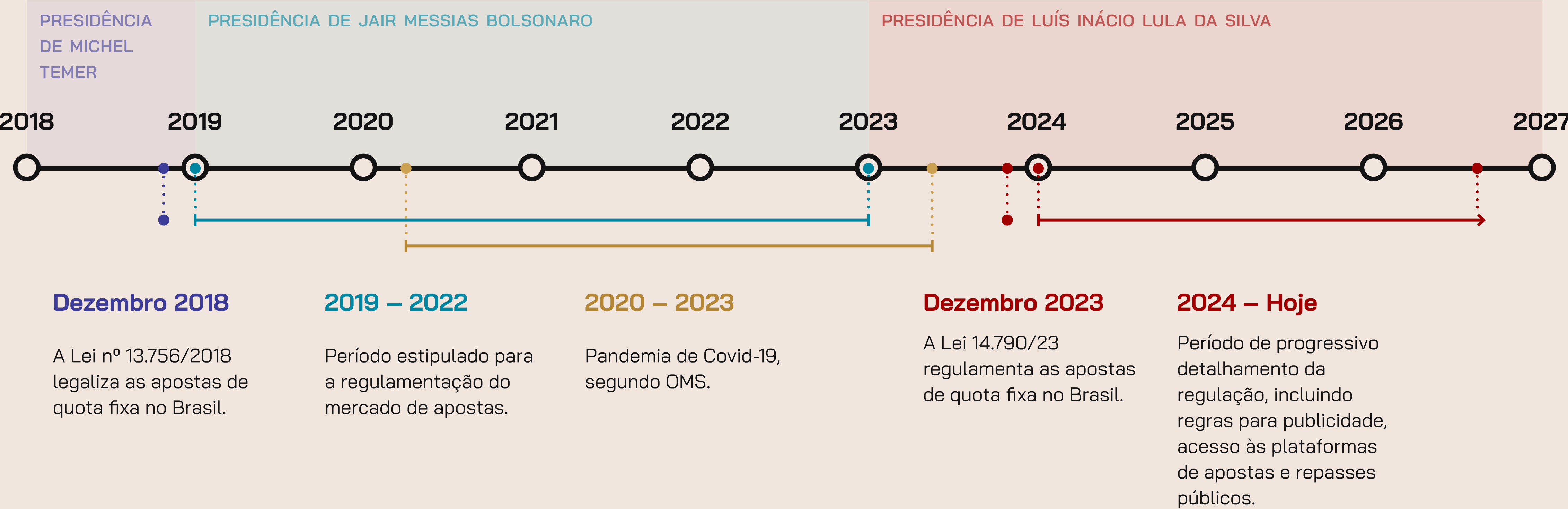
— 1 —

O CONTEXTO

como viemos parar aqui

Figura 1

Linha do tempo: a chegada e a regulamentação das apostas de quota fixa no Brasil



“Eu perdi meu irmão na pandemia, ele tinha 27 anos. Veio o desemprego meu e do meu esposo na época (...) a gente teve que vender o carro para poder manter a dívida do nosso apartamento, (...) foi bastante apertado. Ou a gente comia ou a gente pagava as contas.”

Apostadora, 34 anos, PB

PARA ENTENDER COMO as apostas online se infiltraram nos lares brasileiros, precisamos olhar para além dos marcos legais. É preciso se perguntar como estavam as famílias brasileiras quando a promessa de renda fácil entrou em casa. Existem dois fatos que se sobrepõem: o primeiro é sobre a situação econômica das populações mais vulneráveis e o outro, um fato histórico, o início da pandemia de Covid-19 em 2020.

Do ponto de vista das mulheres brasileiras de classe C, D e E, seus cotidianos são marcados por uma pressão financeira constante, em que a renda mal cobre os gastos essenciais. A ansiedade e o desgaste muitas vezes acompanham a preocupação de cobrir os gastos básicos no final do mês.

O cenário é de endividamento



das mulheres dizem que seu custo de vida aumentou no último ano

Nuances: a pressão financeira constante é mais sentida pelas mulheres das classes **C e DE** (60% e 62%, vs. 56,5% no total da amostra). O endividamento é maior entre as **mulheres pretas** (69%) e pardas (62%).



das mulheres se consideram endividadas, sendo contas e comida os gastos que mais contribuíram para o endividamento

“ A gente tem que olhar preço de tudo. Tem que ficar pensando, calculando os mínimos centavos. Isso é bem cansativo.”

Impactada, 30 anos, CE



delas afirmam que a dívida atual é maior do que a do ano anterior



das mulheres se consideram as principais responsáveis pela administração financeira da casa. O dinheiro é majoritariamente destinado a gastos essenciais: alimentação e mercado (68% das respostas) e contas do domicílio — luz, água, gás e internet (65% das respostas)

Fontes: “Atualmente, você diria que está endividado?” (Q13, resposta única; base: mulheres, n = 1.062); “Comparado a um ano atrás, seu nível de endividamento está maior, menor ou igual?” (Q14, resposta única; base: mulheres endividadas, n = 598); “Seu custo de vida hoje comparado a um ano atrás” (Q12, resposta única; base: mulheres, n = 1.062); “Quem é o/a principal responsável por administrar o dinheiro da casa?” (Q16, resposta única; base: mulheres, n = 1.062); “Quais despesas dependem da sua contribuição financeira?” (Q17, resposta múltipla; base: mulheres que contribuem com despesas, n = 974).



A crise da Covid-19 marcou uma queda abrupta nas condições financeiras e segue viva na memória e nas condições materiais. Durante a pandemia, as mulheres entrevistadas perderam empregos, tiveram salários reduzidos e passaram por separações conjugais. As consequências foram severas: tiraram os filhos de escolas particulares, venderam carros para pagar dívidas, mudaram para casas menores, atrasaram parcelas de financiamentos. Em muitos casos, o endividamento foi a única saída.

Hoje, essas mulheres vivem o que chamamos nesta pesquisa de “vida mínima”: uma vida reduzida à sobrevivência imediata, muito aquém dos próprios desejos e mesmo das necessidades básicas.

Em um dia a dia que exige cálculo permanente, o lazer, o prazer de comer fora ou pedir um delivery e a capacidade de oferecer presentes aos filhos são os primeiros cortes.



“A parte mais triste de você tá sem dinheiro é quando você tem filhos, é quando seu filho pede uma coisa que você não pode comprar (...). E eles não entendem (...). Ele tá te vendo ali como um símbolo de mãe que sempre você tem que ter dinheiro (...) você arruma de qualquer jeito, você trabalha, você tem que ter.”

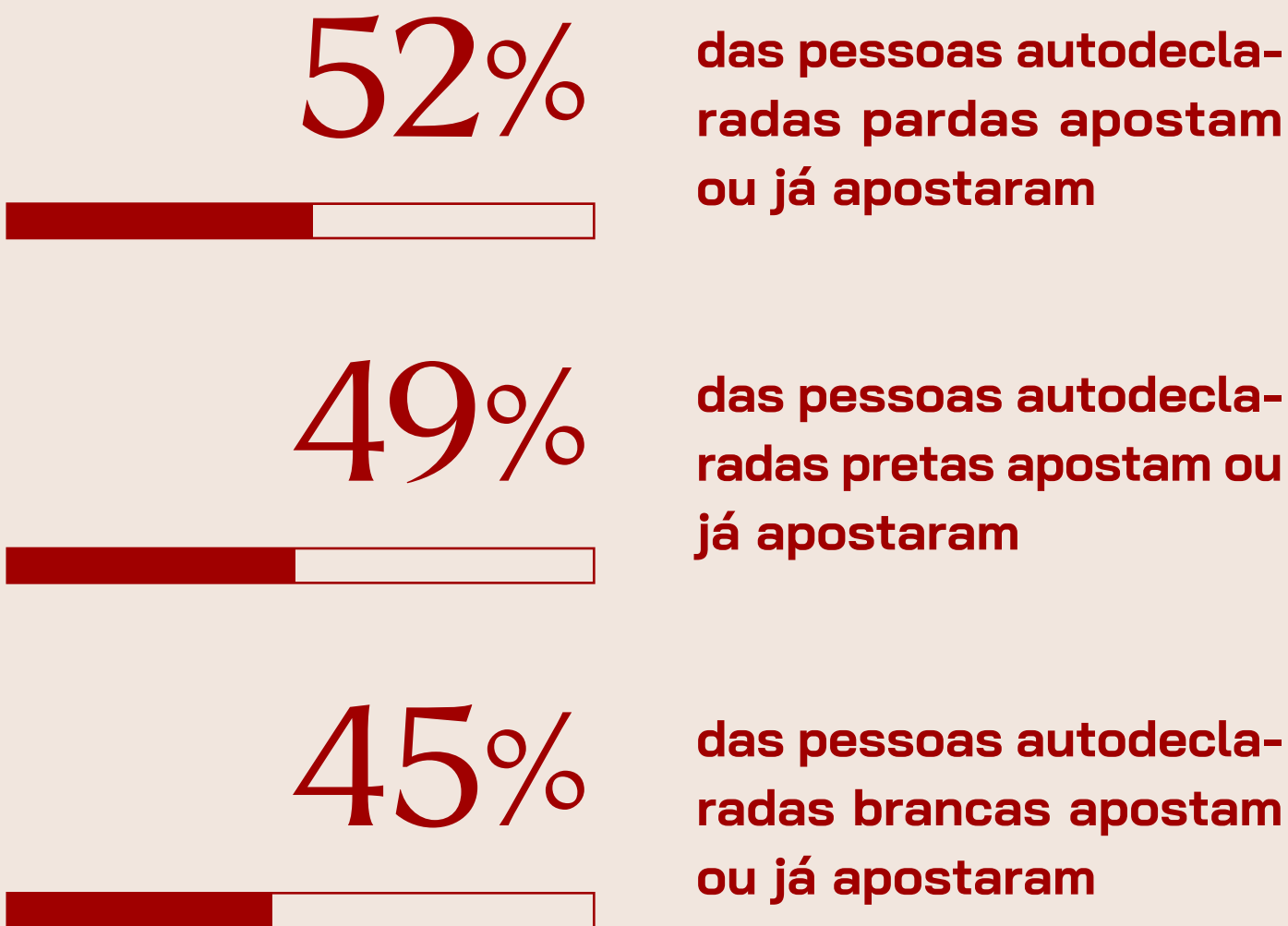
Apostadora, 43 anos, SP



NO PAÍS, **49% DAS PESSOAS** afirmam que apostam ou já apostaram. Entre as mulheres, a taxa é menor: **42% das brasileiras** apostam ou já apostaram.

Os percentuais a seguir são lidos sempre dentro de cada grupo: mostram a proporção de pessoas, naquele grupo, que já entraram no jogo.

No recorte racial da população geral



Entre as mulheres, a ordem muda

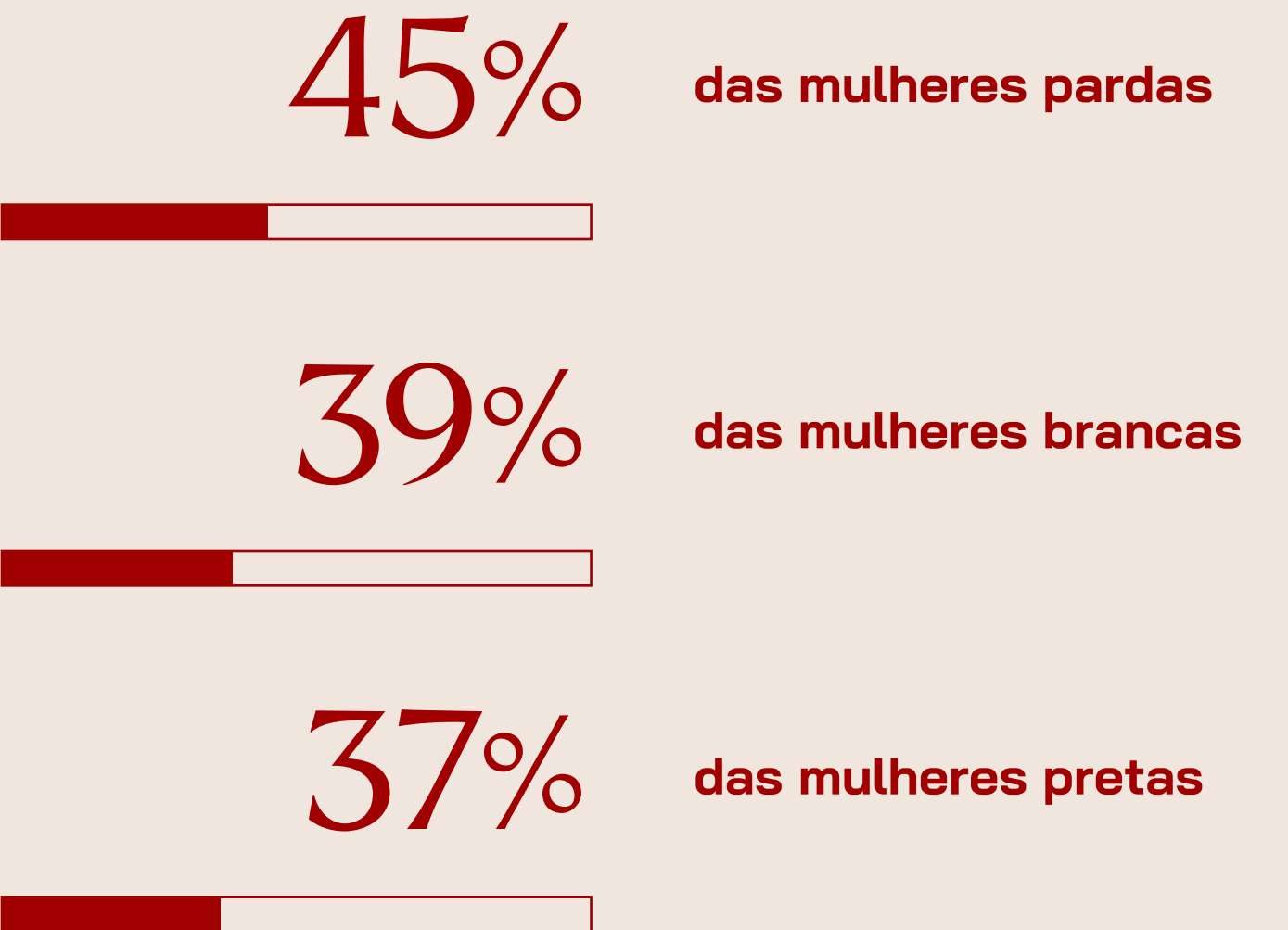
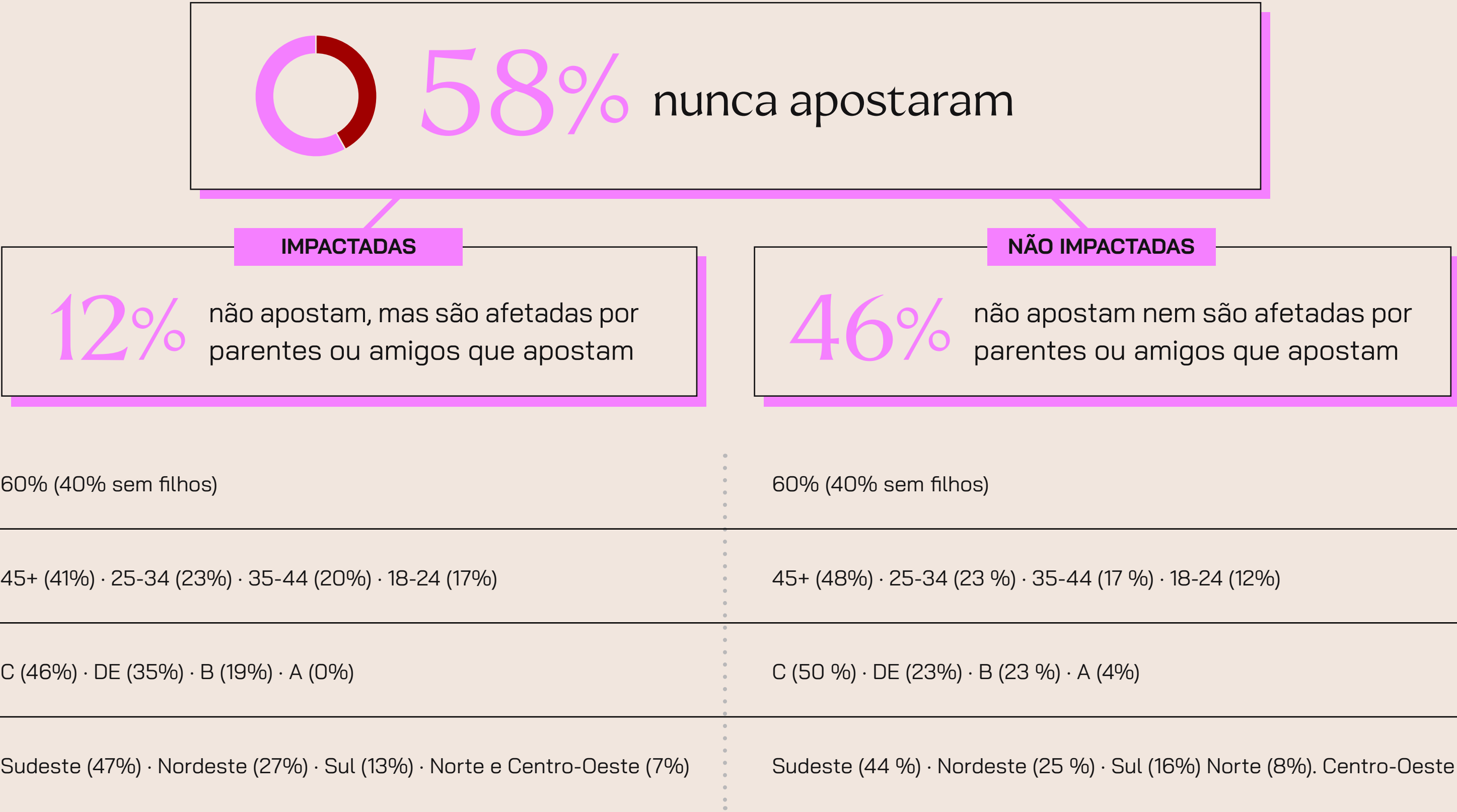


Tabela 1
Perfil das mulheres
brasileiras segundo
a relação com as
apostas online (%)



Com filhos	72% (28% sem filhos).	59% (41% sem filhos)
Idade	45+ (47%) · 25-34 (22%) · 35-44 (19%) · 18-24 (12%)	45+ (38%) · 25-34 (27%) · 35-44 (19%) · 18-24 (16%)
Classe	C (48%) · DE (23%) · B (21%) · A (8%)	C (53%) · DE (29%) · B (15%) · A (3%)
Região	Sudeste (37%) · Nordeste (34%) · Centro-Oeste (11%) · Sul (11%) · Norte (8%)	Sudeste (42%) · Nordeste (24%) · Sul (15%) · Centro-Oeste (10%) · Norte (9%)
Tempo de aposta	39% há um ano ou mais · 23% de seis meses a um ano · 20% há até seis meses · 17% não sei/não lembro	—
Tipo de jogo	49% cassino online (roleta, Tigrinho, caça-níquel) · 29% jogos de sorte instantânea (raspadinha, Aviator, crash games) · 26% futebol	—
Frequência	19% menos de uma vez por mês · 13% uma vez por mês · 17% uma vez por semana · 14% várias vezes ao dia · 13% uma vez por dia · 12% a cada 15 dias · 11% não sabem	—

Tabela 1
Perfil das mulheres brasileiras segundo a relação com as apostas online (%)



Fonte: “Com qual das opções a seguir você diria que mais se identifica?” (Q20, resposta única; base: total da amostra, n = 2.008; recorte mulheres, n = 1.062). Perfis detalhados: mulheres apostadoras n = 209; mulheres ex-apostadoras n = 237; mulheres impactadas n = 132; mulheres não-im-pactadas n=484. Tipo de jogo e frequência: Q21 e Q30 (resposta múltipla; base: mulheres apostadoras, n = 209).

Mulheres com filhos apostam cerca de 1,6 vez mais que mulheres sem filhos.

Metade das apostadoras joga em plataformas de cassino online, como roleta, Tigrinho e caça-níquel.



– 2 –

A PROMESSA

como as bets constroem narrativas em
cima dos imaginários das mulheres

Especialmente para as mulheres, as apostas constroem suas narrativas em cima de imaginários que já existem: o da busca pela vida digna, que a pandemia tornou inalcançável, e o do cuidado com a família.



Motivos que as levaram a fazer apostas online

Resposta Múltipla

Fonte: “Quais são os principais motivos que levaram você a fazer apostas online?” (Q32, resposta múltipla; base: mulheres que apostam atualmente, n = 209). Tabela completa nos anexos. Tabela 1: Motivos que levaram apostadores a fazer apostas online.





“Ano passado, um dos meus filhos ia fazer aniversário e eu não tinha dinheiro para comprar bolo, eu tinha R\$10. Nos grupos que eu tenho do WhatsApp, as meninas fazem meia pra gente jogar: você coloca dez, eu te devolvo cinco, com o link dela. Eu coloquei os R\$10, apostei e ganhei R\$300. Salvou: comprei o bolo. Era meu único R\$10 antes do pagamento.”

Apostadora, 40 anos, SP

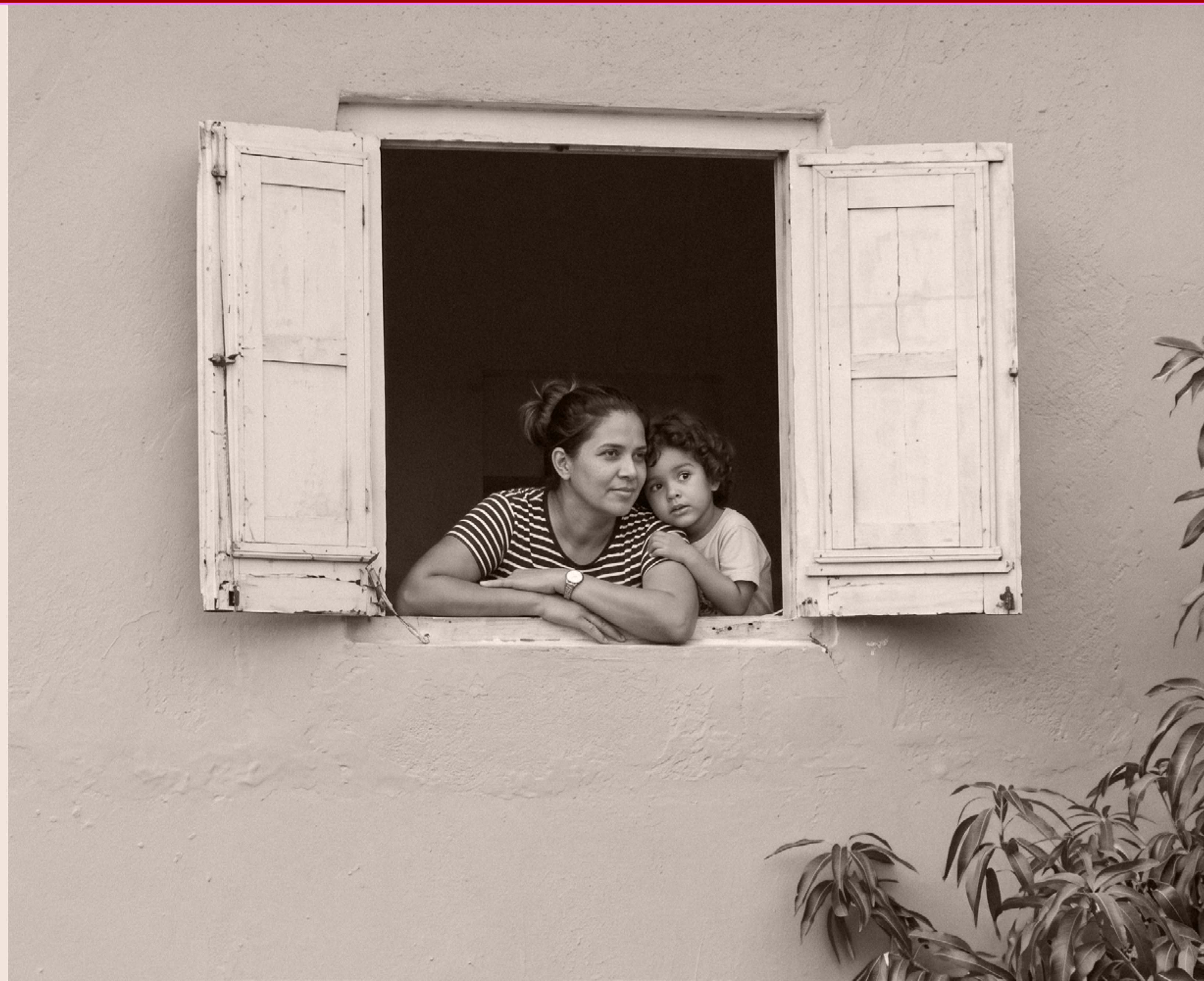
“Eu gosto de jogar. Às vezes você tá estressada, você tá com a criança dando trabalho, é casa, é serviço, é tudo. Você chega, você só quer sentar ele por R\$10 e distrair a cabeça um pouquinho.”

Apostadora, 39 anos, SP

AS BETS SURGEM COMO PROMESSA de redenção e expansão diante da vida mínima. Muitas entrevistadas relatam ter conhecido as apostas online na pandemia ou em um contexto de necessidade financeira.

As **apostadoras** enxergaram nas apostas a chance de “dar a volta por cima” rapidamente: pagar o cartão de crédito, quitar a dívida e limpar o nome. Para algumas, as bets surgiram como uma “luz”, “uma coisa de Deus” para “sair do fundo do poço.”

As **impactadas** viram a suposta “luz no fim do túnel” chegar para sua rede imediata de afetos — maridos, mães, pais, irmãos — e no começo pensaram que a redenção poderia vir para a família inteira. Como uma delas adverte na entrevista, **“estão brincando com o sonho das pessoas”**.





“No auge da pandemia, fui demitida (...) Eu perdi meu único ganha pão, que era meu emprego. **Cheguei até a passar fome.** Aí quando veio, é esse convite aí (...) **eu achei que era coisa de Deus, que era uma luz** para me tirar do fundo do poço.”

Apostadora, 47 anos, BA

*“ Eu fiquei curiosa, como é que ganha tanto dinheiro jogando no celular? E também eu tava ansiosa, porque eu tava sem trabalhar, tinha acabado de me separar... Então tava vulnerável, né? **Aí veio a curiosidade, veio a vontade de dar a volta por cima, de ter um dinheirinho** (...) E aí foi se tornando essa bola de neve. Hoje eu me sinto uma pessoa mais controlada.”*

Apostadora, 52 anos, SE

*“ ...os influenciadores tentam vender não é só um sonho, não é só o luxo, é **o sonho da pessoa humilde que tá ali sempre batalhando**, que ganha o salário mínimo, tentar sair do sufoco, tentar viver um pouquinho melhor. (...) **Então acaba que eles estão brincando com o sonho das pessoas.**”*

Impactada, 24 anos RJ

Uma hipótese desta pesquisa é que apostar para complementar a renda também influi no tipo de plataforma escolhida. As mulheres são mais propensas aos jogos de cassino online ou de “sorte instantânea”, em que os resultados são imediatos. As apostas esportivas, que demandam outras variáveis, como conhecer os times e campeonatos, são menos apelativas frente à preferência feminina pelos “joguinhos de celular”, instantâneos e acessíveis a qualquer pessoa com um smartphone. O resultado imediato, de perda ou de ganho, encurta o intervalo entre uma aposta e outra, criando um ciclo contínuo que torna ainda mais difícil parar.

“Foi quando eu conheci Antônio e ele me apresentou logo esse Aviator, aquele do aviãozinho. (...) Foi as duas coisas, a curiosidade e a necessidade também. (...) eu comecei na plataforma dessas bet a vários jogos, a experimentar. (...) fui nas frutinhas, que essas frutinhas encanta qualquer pessoa. Fui para esse tigrinho (...) Eu não gostei (...) Aí continuei com as minhas frutas e no meu pôquer.”

Apostadora, 58 anos, PE

A FALTA DE DINHEIRO PRODUZ NAS MULHERES sentimentos de humilhação. Dói viver com o mínimo, precisar pedir dinheiro emprestado, repensar o consumo e não conseguir realizar desejos para si e para os filhos. O dinheiro é associado diretamente à liberdade e à autonomia, e se traduz em poder sair, comer o que quiser, comprar sem olhar o preço, dizer “sim” para os filhos.

Entre as mulheres que jogam com frequência, **22% dizem que apostam para ganhar renda extra, 19% ganhar dinheiro rápido e 16% para complementar despesas básicas**. Ou seja, a mulher que aposta com frequência busca nas bets uma fonte de renda.



“Porque a sensação de impotência, a gente que é mãe e vê nossos filhos pedindo alguma coisa. (...) eu me sinto empoderada quando meus filhos falam: ‘Mãe, eu quero isso’ e sim, ‘vamos lá que eu tenho para comprar. Vamos lá’. (...) Eu tô com dinheiro, vou sair, vou comprar o que eu quero, vou comer o que eu quero. Dá, assim, a sensação de poder (...) me dá liberdade de me fazer o que eu quero. A palavra é essa.”

Apostadora, 30 anos, SP

Fonte: “Quais são os principais motivos que levaram você a fazer apostas online?” (Q32, resposta múltipla). Base: mulheres que apostam atualmente, n=209.

Ao contrário do que muitas vezes se pensa, as **apostadoras** não buscam enriquecimento ou uma vida de luxo: querem viver com mais respiro financeiro e emocional. Uma vida próspera envolve dormir sem pensar em dívidas, ter a geladeira abastecida, jantar fora, limpar o nome e ter a liberdade de comprar o que se deseja e de dar aos filhos o que pedem.

Já as **impactadas**, no início, torcem pelo apostador, porque o ganho dele beneficia a casa toda. A promessa de autonomia se estende à família, ainda que por um instante.

O dinheiro muda a sensação de poder, eliminando a humilhação e a preocupação permanente. Como diz uma das entrevistadas, “com dinheiro sou outra pessoa.” As bets entregam às **apostadoras** essa sensação a partir de um poder financeiro mínimo: com dez reais ela decide, arrisca, “resolve”. As **impactadas**, inicialmente, compram a promessa de prosperidade para a família inteira.





“Para mim, **prosperar é dormir bem**, né? (...) com a cabeça tranquila, sem pensar nas dívidas.”

Apostadora, 34 anos, PB

“ A prosperidade é você ter condições de você pagar todas suas contas em dia, sem deixar nenhuma em aberto. **É tá com seu nome limpo, sem nada em aberto com algum banco ou financeira.** E ainda você ter o dinheiro ali sobrando para você fazer o que você deseja. (...) Você pode comprar uma roupa nova, um sapato novo. Se aparecer um parente, de repente numa situação difícil, você tem um dinheiro aí para poder ajudar.”

Apostadora, 39 anos, MG

“ Eu gostava que ela tentasse a sorte porque ela estava ganhando, então, né, **tava sendo muito bom pra gente. Aí eu comecei a entender como aquilo funcionava**, que não era só ganho, que às vezes você apostava 100, mas você perdia 80, então seu lucro tava sendo só de 20, que não é um lucro. (...) demorou muito para eu conseguir mostrar isso para ela de uma maneira que ela conseguisse entender.”

Impactada, 22 anos, SP

A narrativa das apostas online se apropria do desejo de uma vida além da sobrevivência e captura o imaginário da independência financeira feminina, oferecendo meios aparentes de alcançá-lo.



Quem as apresentou as apostas online pela primeira vez



A PORTA DE ENTRADA para começar a apostar é quase sempre um vínculo de confiança: a amiga que mostrou um ganho, o familiar que mandou o link, o influenciador em quem se confia, as irmãs da igreja compartilhando o link das apostas dentro do culto.

A lógica é estruturalmente perversa: quem indica ganha crédito ou bônus na plataforma, o que converte cada usuária em uma potencial divulgadora de bets.

Nuance geracional

Entre os mais jovens (18 a 24 anos), o **influenciador digital** é uma porta de entrada tão relevante quanto o círculo de amizade – os dois empatam em 25% e são as duas maiores influências na decisão.

Fonte: “Quem te apresentou as apostas online pela primeira vez?” (Q29, Pergunta de resposta múltipla; lista parcial, base: mulheres apostadoras, n = 209; homens apostadores, n = 342). Recorte por idade: base total do grupo, n = 551.

*“ Quando me apresentaram, que eu tava no grupo do Telegram, aí me chamaram. Aí eu achei, assim, estranho. Aí diz ‘joga esse joguinho’. Teve um rapaz até, de São Paulo – inclusive ele se tornou meu amigo até hoje – e sempre ele mandava os link, né? Eu digo: ‘Não, não tenho dinheiro não, não vou entrar nessa não’, ‘menina, vai! Experimenta esse, experimenta.’ Pronto, me ferrei. **Tinha dia que eu tinha no meu celular, acho que tinha uns 10 ou 12 aplicativos de jogos.**”*

Apostadora, 58 anos, PE

“Na igreja, a irmã chegou perguntando se alguém jogava. Isso é coisa de irmão perguntar?”

Ela falou que tava jogando, tinha ganhado um valor. Aí a outra irmã curiosa perguntou quanto foi que ela tinha ganhado. Aí ela falou: “Se quiser eu te mando a plataforma e você bota só esse valor que ela tá pagando”. Aí eu peguei, fiquei com aquilo na minha cabeça. (...) todo mundo comentando que ganha, que ganha. Será que eu vou ganhar também? (...) fui lá e botei meu dinheiro.

Perdi na primeira vez que eu botei, fiquei traumatizada. Aí depois eu vendo minha mãe jogando, minha mãe ganhando, porque na minha família tudinho joga, tudo é viciado (...) O meu marido é outro. Aí nessa comecei a me iludir também.”

Apostadora, 47 anos, BA



As apostas online construíram um sistema de influência em camadas, baseado na confiança.

No topo estão os **grandes influenciadores**, seguidos dos “**influenciadores locais**” — pessoas do bairro ou da cidade, com número menor de seguidores, mas credibilidade alta, atribuída pela proximidade e pela identificação.

O sistema chega, enfim, ao plano micro: **contatos, amigos e familiares** divulgam cadastros e sites de apostas em seu círculo pessoal em troca de bônus nas plataformas. **Apostadoras** contam que começaram a apostar a partir do link enviado por um parente, por uma amiga do trabalho, por uma vizinha. Enquanto isso, as **impactadas** veem o recrutamento acontecer dentro da própria casa.

Grandes influenciadores e publicidade massiva

Influenciadores locais

Familiares, amigos e contatos





A publicidade e a exposição percebida

72%



das mulheres acreditam que a publicidade das apostas contribui para que as pessoas apostem mais do que deveriam

Nuances: quanto mais alta a classe social, maior a percepção do aumento de conteúdo de apostas (A: 84,8%; DE: 73,8%). Quem aposta com mais frequência percebe mais (82,2%) do que quem aposta raramente (73,2%).

79%



das mulheres afirmam que as redes sociais passaram a mostrar mais conteúdos de apostas depois de seu primeiro acesso às plataformas

Fontes: “Você acredita que a publicidade das apostas contribui para o comportamento das pessoas em querer apostar mais que devia?” (Q62, resposta única; base: total da amostra, n = 2.008; recorte por gênero: mulheres n = 1.062, homens n = 946);
“Você acredita que as redes sociais passaram a mostrar mais conteúdos de apostas após seu primeiro acesso nas plataformas?” (Q33, resposta única; base: pessoas que apostam atualmente, n = 551; recorte por gênero: mulheres n = 209, homens n = 342).



“Até o pequeno influenciador, de bairro, pode acabar dando a credibilidade para as pessoas. As pessoas acreditarem mesmo, porque é alguém que tá ali na realidade da outra pessoa. (...) Então, se deu certo para essa pessoa que mora no meu bairro, por que que não vai dar certo para mim?”

Impactada, 24 anos, RJ

“Eu nunca jogo em plataforma de influencer que tem muito seguidor, esses influencer famoso, porque é tudo mentira. Eu sempre jogo em plataforma de pessoas que eu realmente conheço, que eu realmente confio.”

Apostadora, 26 anos, SP



Região Nordeste (18%) é quem mais declara que recebeu dinheiro para apostar.

Fonte: “Você já recebeu algum benefício para indicar uma plataforma de apostas online para outras pessoas?” (Q39, resposta única, base: pessoas que apostam atualmente, n=551). Recorte por gênero: mulheres n=209.



“Às vezes, ele pegava dinheiro da conta e minha tia tinha que tirar o dinheiro da poupança para poder pagar alguma coisa, porque ele tava gastando tudo. A gente começou a conversar com ele, mas ele falava para alguns familiares meus apostarem também, porque ele tava ganhando muito, mas ele não contava que também tava perdendo.”

Impactada, 18 anos, RJ



Nas tríades, também identificamos uma lógica de recrutamento dentro do sistema de influência: entrevistadas, **apostadoras** ou **impactadas**, relatam receber convites de casas de apostas para divulgar links em seus perfis, em troca de comissão.

Segundo os relatos, os ganhos seguem uma lógica perversa: quando seu seguidor perde, você ganha.

Uma entrevistada conta que aceitou a proposta e publicou os comprovantes de ganho falsos enviados pelo contratante. Outra relata que sabia quando os amigos entravam na plataforma e perdiam, e que foi então tomada por um forte sentimento de culpa.

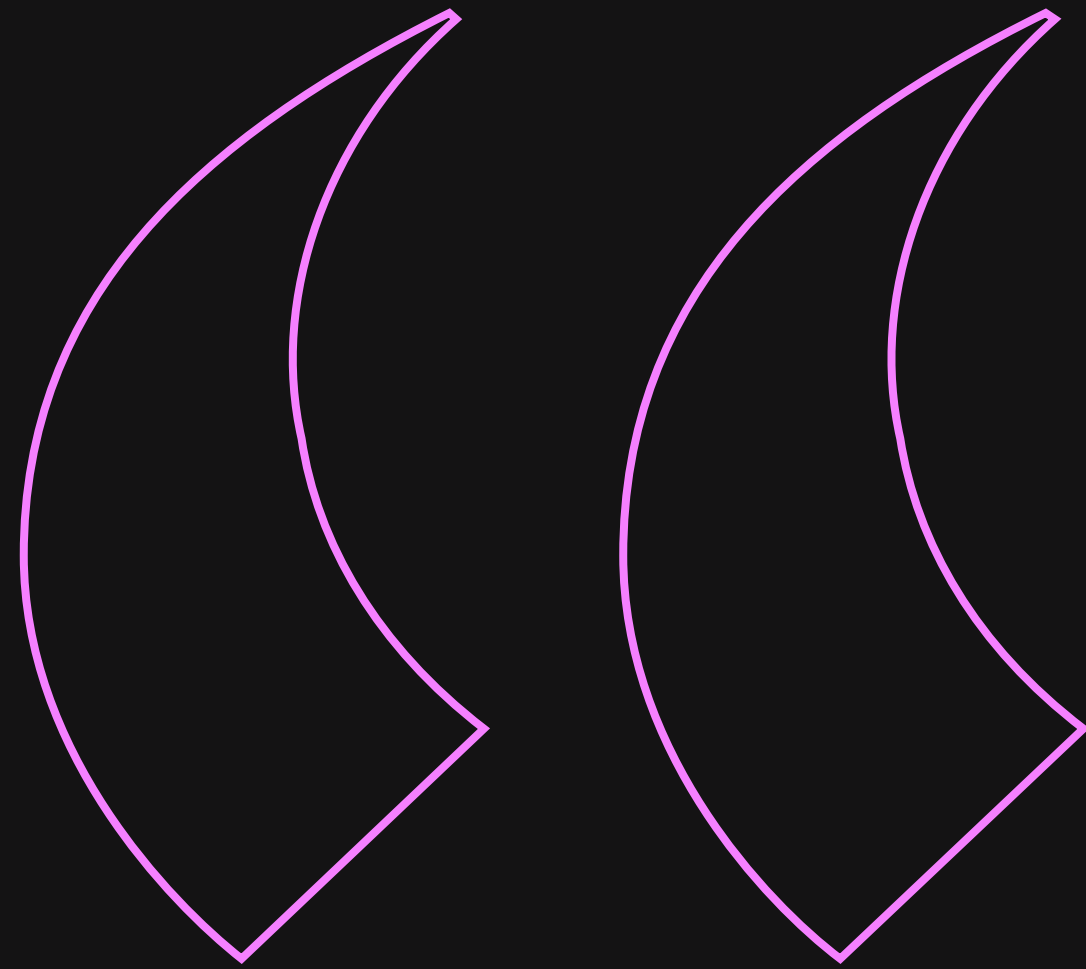
“ Uma vez me enviaram um link, não lembro se foi Telegram, e eu entrei. Aí a pessoa falou assim: ‘Sou gerente de plataforma, você tem quantos seguidores no Instagram, você não quer divulgar?’

Aí eu falei: ‘Ah, tá bom, eu aceito, né?’ Mas no fundo eu sabia que tinha um pouco de mentira, né? Aí eu peguei ele, ó, eu vou te mandar as fotos dos ganhos, você posta lá no seu Instagram e o link e no quarto dia eu vou te dar R\$500. (...)

*Aí comecei a postar todos os dias e os meus amigos tavam entrando naquele link, eles jogavam, mas **começou a me dar um sentimento assim de culpa que eu tava enganando**, entendeu? (...) Eu tava mentindo. (...) você via quando o seu amigo fazer o cadastro lá, que eu conhecia as pessoas, eu via pelo sobrenome e eu via que eles jogavam e eles perdiam, eles não ganhavam nada.*

Aí quando foi naquele quinto dia que eu fui pedir meu dinheiro, ele sumiu. Então ganhou só seguidor nas minhas custas, (...) senti culpa ter enganado meus amigos, né? Mas também eu não divulgo mais nada de ninguém.”

Apostadora, 43 anos, SP



Chegaram a me oferecer 50% de comissão em cima das perdas das pessoas **que** entrassem através do meu link. Infelizmente é assim que funciona. Aí se uma pessoa entrar lá, perde R\$1.000, né? Se fosse com meu link, por exemplo, R\$500 era para mim, R\$500 pro dono da plataforma.”

Impactada, 38 anos, MG



Por meio desse sistema em camadas — cuja face visível está na publicidade e nos grandes influenciadores das redes sociais, mas que se infiltra até nas relações pessoais —, as apostas ganham cada vez mais espaço dentro de casa.

A rede de cuidado que historicamente protegeu as famílias se torna ela própria a porta de entrada, mobilizando imaginários e desejos antigos e alcançando as casas a partir dos vínculos mais próximos.



A EXPECTATIVA DEPOSITADA nas bets não se sustenta apenas no vínculo de confiança. A promessa de ganhos também se constrói sobre imagens e narrativas de vencedores próximos e possíveis.

As bets introduzem no Brasil uma ruptura nos mecanismos culturais das apostas. Em modelos tradicionais, como a loteria, poucas pessoas vencem: têm um ganho alto, mas nem sempre querem aparecer. A maior parte de quem joga não ganha nada, ou ganha muito pouco.

As apostas online subvertem isso, em especial por meio da estratégia de publicidade e da influência. De um dia para o outro, todo mundo parece estar ganhando — do influenciador que relata ter mudado radicalmente de vida ao conhecido que ganhou algumas rodadas e conseguiu pagar a conta do cartão de crédito. O sentimento que fica é: “se ele conseguiu, por que não eu?”

Comprovantes de Pix compartilhados por familiares, amigos, grupos e perfis de redes sociais criam a sensação generalizada de que muitos estão ganhando. É diferente da loteria, do bingo ou do jogo do bicho, cujos vencedores são anônimos e raros.

Outro fator que impulsiona a entrada e a permanência nas apostas online é a facilidade de acesso imediato. Enquanto outros tipos de jogo requerem alguma logística e exposição pública — sair de casa, ir até uma banca ou casa de apostas, fazer uma “fezinha” no jogo do bicho da esquina —, o uso de aplicativos permite que as mulheres joguem a qualquer momento do dia, por vezes em mais de uma plataforma ao mesmo tempo, sem serem notadas ou julgadas como **apostadoras**.



A percepção de que se ganha



Entre elas, as mulheres pardas (36%) são as que mais acreditam, seguidas das pretas (35%) e das brancas (31%).

Fonte: “Muitas pessoas ganham dinheiro através das apostas online” (Q54.2, resposta única, escala concordo/discordo/não sei; base: total da amostra, n = 2.008; recorte por gênero: mulheres n = 1.062).

“ Você fica sabendo que alguém ganhou na Mega Sena, você não vê quem ganhou... **Mas se você entra no Instagram, a cada três coisas que você vê, uma é sobre Bet**, é sobre pessoas ali ganhando R\$3.000, ganhando R\$5.000.”

Impactada, 48 anos, SP

“ a minha irmã (...) **quando ela ganha, ela tenta influenciar, entendeu?** Além de estar no vício, ainda tenta influenciar os familiares pela aquela questão do dinheiro rápido e fácil, né? Mas a gente sabe que de certa forma ali tá ganhando, mas a gente não sabe por trás, né? O que já perdeu, quantos salários já perdeu, quantos dinheiros já perdeu, entendeu?”

Impactada, 28 anos, CE

A expectativa e a esperança de vencer, sustentadas pelas “provas” de ganho, mantêm a entrada nas apostas.

Enquanto isso, as perdas são vividas em silêncio, e o imaginário se mantém de pé sem dar espaço para os perdedores.

Para a **apostadora**, cada rodada é a chance de resolver a vida. Para a **impactada**, o vencedor visível mora dentro de casa: quem ganha vira exemplo e recrutador na própria família. São elas que descobrem a contabilidade escondida — “fala do lucro, mas não fala do gasto.”





O JOGO É ENCARADO pela apostadora como estratégia de investimento. Em grupos e nas redes sociais, circulam macetes e formas de vencer: jogar no minuto certo, alternar o modo turbo, migrar de plataforma. Os relatos sugerem que a experiência de uso das plataformas reforça essa visão: as entrevistadas descrevem a sensação de que quem sabe o que está fazendo ganha mais e de que jogar “na loucura” é o caminho certo para perder.

A crença na habilidade



Entre **apostadoras**, esse número sobe para 40,5% (quem joga com frequência), 38% (quem joga às vezes) e 36% (quem joga raramente).

Fonte: “Para vencer nas apostas é preciso ser habilidoso” (Q54.5, escala concordo/discordo/não sei). Base: mulheres, n = 1.062; mulheres apostadoras, n = 209.).



As entrevistadas, assim como os maridos apostadores, falam de grupos exclusivos (“VIPs”) e de especialistas que ensinam estratégias e macetes. Cultiva-se a ideia de que é preciso ter “expertise” para ganhar. Por isso, as **apostadoras** buscam se especializar. Em alguns casos, o envolvimento é tão intenso que a aposta passa a ser encarada como trabalho.

Em alguns casos, o envolvimento é tão intenso que a aposta passa a ser encarada como trabalho.



Fonte: “Você já participou de grupos de mensagens relacionados às plataformas de apostas online?” (Q44, resposta única; base: pessoas que já apostaram e não apostam mais, n = 431).

Aí eu comecei a seguir as pessoas, comecei a escutar, a assistir as lives, pedia informações, entrava em grupos, aquela coisa toda que você vai se formando, entrando, se aprofundando, achando que você vai conseguir ficar expert naquele assunto (...) aí você fica ‘não, eu tenho que tentar, eu tenho que conseguir, porque todo mundo consegue’. (...) Aí você fica se sentindo (...) a burra (...) Então eu eu tenho que tentar, tenho que ir me especializando, que qualquer hora eu vou conseguir fazer a mesma coisa.”

Ex-apostadora, 44 anos

“ Então, como para você tem que pagar o VIP, que é para entrar nesse grupo. Você paga mensalmente, todo mês você vai pagar esse valor para participar desse grupo e lá **ele te dá o macete todo do jogo** que você tem que ir, a estratégia que você tem que usar, quanto você tem que apostar, olha os minutos, o horário, ele te dá o macete todo (...) **Eu que nunca fiz porque a que eu eu sou burra** também, né?”

Apostadora, 47 anos, BA

“ Achava que, na verdade, eu era um apostador, **na minha mente, eu era um apostador profissional.**”

Marido apostador, 45 anos, RJ



A régua do vício está sempre nos outros, no extremo. Viciada é quem perde tudo, quem rouba ou quem chega ao fundo do poço. Essa é a noção popular de vício, que muitas vezes define o problema pela perda total de controle. Nesta régua, jogar todos os dias não conta como problema: conta como hábito, um comportamento sob controle, uma distração ao fim de um dia exaustivo de casa, filhos e trabalho. O argumento de normalidade e a prova de saúde física e mental se apoiam em “estratégias de controle”, como colocar um limite no valor diário apostado. Quando a pessoa se vicia — o que, nessa régua, significa perder tudo — a culpa passa a ser dela.

A literatura clínica trabalha com outra medida. A Organização Mundial da Saúde reconhece o transtorno do jogo (ludopatia) como transtorno mental na CID-11, mas prevê também uma categoria anterior a ele — jogo ou aposta de risco —, para padrões que já aumentam a chance de dano e pedem atenção profissional, mesmo sem preencher os critérios do transtorno. O Guia de cuidado do Ministério da Saúde é explícito nesse ponto: os jogos de apostas compõem um contínuo, e nem todo jogo é prejudicial, mas qualquer aposta envolve risco. O mesmo documento lista sinais de alerta que aparecem muito antes do fundo do poço: apostar para escapar de sentimentos como tristeza, culpa ou estresse; insônia e apostas de madrugada; sensação de perda de controle mesmo com vontade de parar; dificuldade de controlar o tempo e o dinheiro gastos; omissão sobre valores

e frequência; retorno imediato ao jogo depois de uma perda; vergonha associada ao jogo.

A distância entre as duas réguas é a dificuldade de perceber o tamanho do problema. Enquanto o vício for definido pelo desastre total, o que já é risco segue sendo lido como hábito administrado. É a mesma lógica que a enquete capturou em escala: 58% das **apostadoras** afirmam que apostar é algo “totalmente sob controle” em suas vidas. A consequência é direta: a ajuda só é acionada depois que o estrago está feito.

“Destrói se a pessoa não tiver controle, né? Você tem que jogar sempre se controlando, igual eu: eu não consigo apostar mais que R\$50. Então, ali é o meu limite. Eu não aposto mais que R\$50. Se a pessoa não tiver controle, a pessoa vicia mesmo.”

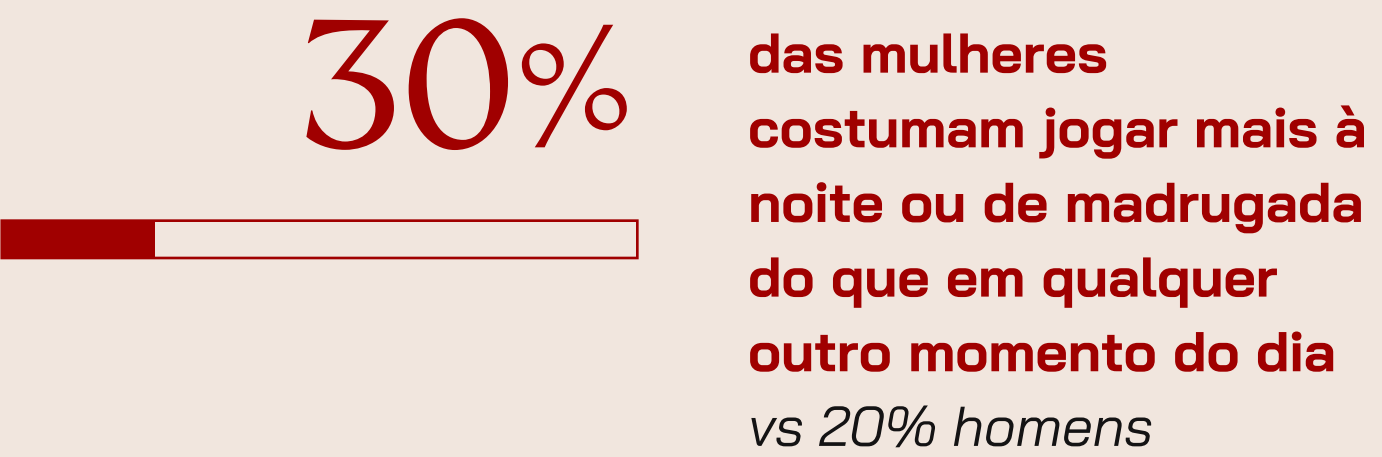
Apostadora, 35 anos, SP

“Acho que jogo só é controle, é a pessoa saber, é igual o cigarro, é igual droga, é igual qualquer outro vício (...) Eu conheço gente que usa droga, trabalha e sustenta o vício. Eu conheço gente que usa droga e rouba para usar droga. Então tudo é o controle da pessoa.”

Apostadora, 39 anos, SP



Como parte da estratégia, elas preferem apostar sozinhas. Para as **apostadoras**, jogar exige concentração: preferem jogar à noite, em silêncio, dentro do quarto, longe dos filhos e do parceiro. A presença de outros é percebida como risco — pode dar azar, tirar a concentração, interferir na energia do jogo.



Fonte: “Em quais momentos do dia você costuma mais utilizar as plataformas de apostas online?” (Q31, resposta única; base: pessoas que apostam atualmente, n = 551).

Quando perdem, as **apostadoras** escolhem, mais uma vez, se isolar. A responsabilidade pela perda é individualizada: sentem-se “burras”, incompetentes, como se a derrota fosse resultado de falta de estratégia ou de controle. A responsabilização também é social: nas redes sociais, quem relata os efeitos deletérios das apostas na própria vida é recebido com hostilidade.

“ Eu acho que a propaganda você vê em todo lugar, né? E os relatos de pessoas que perdeu tudo, que aconselha você não entrar nessa, é um nicho numa página do Instagram. E os comentários são: ‘Ah, é que você não sabe jogar, você não soube se controlar, você foi ganancioso’. Então fica uma coisa como se a pessoa tivesse errada. **Assim, se eu perdi meu dinheiro, errado é eu. Não é o jogo, não é as propagandas, não é quem falou que ganha. Eles culpam muito a gente porque a gente não sabe jogar (...)** A culpa é sua.”

Ex-apostadora, 38 anos

O grupo de filhos impactados pelas apostas reforça a ilusão de controle e a responsabilização. Para eles, que muitas vezes também apostam, a aposta pode ser algo produtivo quando o dinheiro tem uma finalidade. O problema estaria na “falta de controle” ou de estratégia.

Se ganhar traz euforia, perder traz culpa, isolamento e mau humor: a **apostadora** se fecha, evita conversar, fica irritada com quem chega perto. A perda vira culpa de quem jogou. Muitas vezes, essa culpa assume um tom marcadamente feminino e doméstico: “era o dinheiro que dava para comprar algo para minha filha”, “é o quilo da carne”. A **impactada** assiste ao familiar “se especializando” — ele acredita que as perdas são apenas consequências e que tem potencial para sempre ganhar. Esse mérito imaginado é o que a impede de tirá-lo do jogo.

*“ E quando eu ganhei, eu soube fazer desse dinheiro render, entendeu? Me trazer coisas melhores. Tirei minha habilitação, comprei coisas que eu queria comprar, só que **infelizmente ela não sabe parar**. O problema da questão é parar.”*

Filho de mãe apostadora, 27 anos, PE



DENTRO DA PESQUISA QUANTITATIVA, realizamos um experimento para medir se homens e mulheres são julgados de forma diferente ao perder dinheiro com apostas. Os 2.008 respondentes foram sorteados em quatro grupos de cerca de 500 pessoas, e cada grupo leu uma única versão do mesmo cenário — mudando apenas o gênero do personagem e a existência de filhos.

Como a história é idêntica e os grupos foram sorteados, qualquer diferença nas respostas revela um viés de julgamento, e não uma diferença entre os personagens.

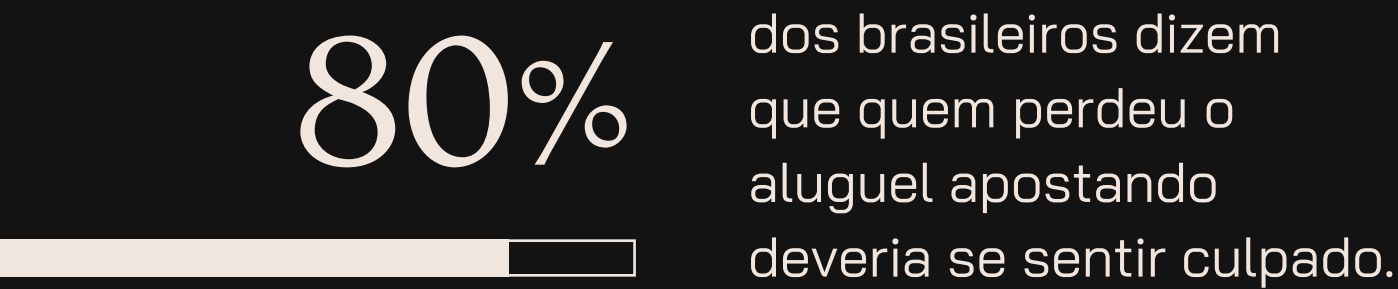
Enunciado apresentado aos respondentes

“(Mariana/Marcos) tem 38 anos, é casada(o), (tem dois filhos/não tem filhos) e é a(o) principal responsável pelas despesas da casa.

Neste mês, numa tentativa de complementar renda, fez apostas online e perdeu uma quantia significativa de dinheiro. Por conta disso, não conseguiu pagar o aluguel do mês.”

O que o experimento revela

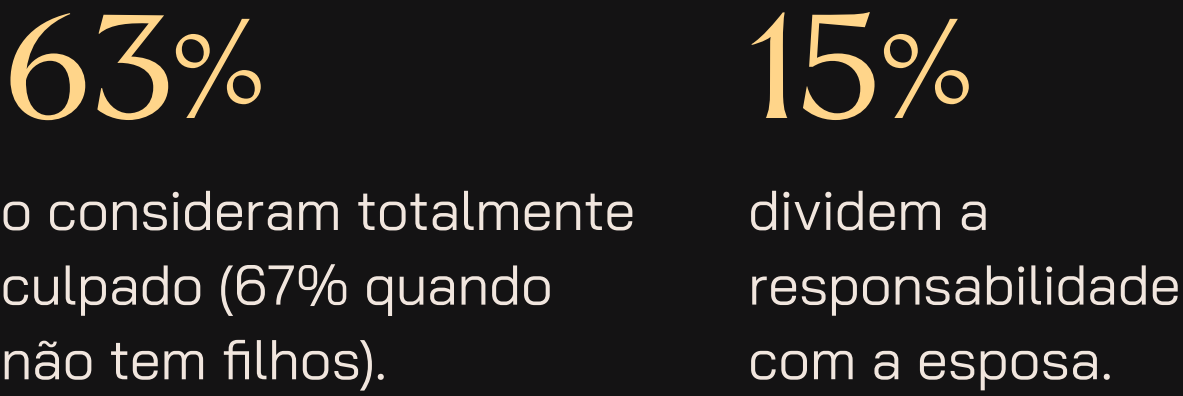
O primeiro resultado é o tamanho da condenação:



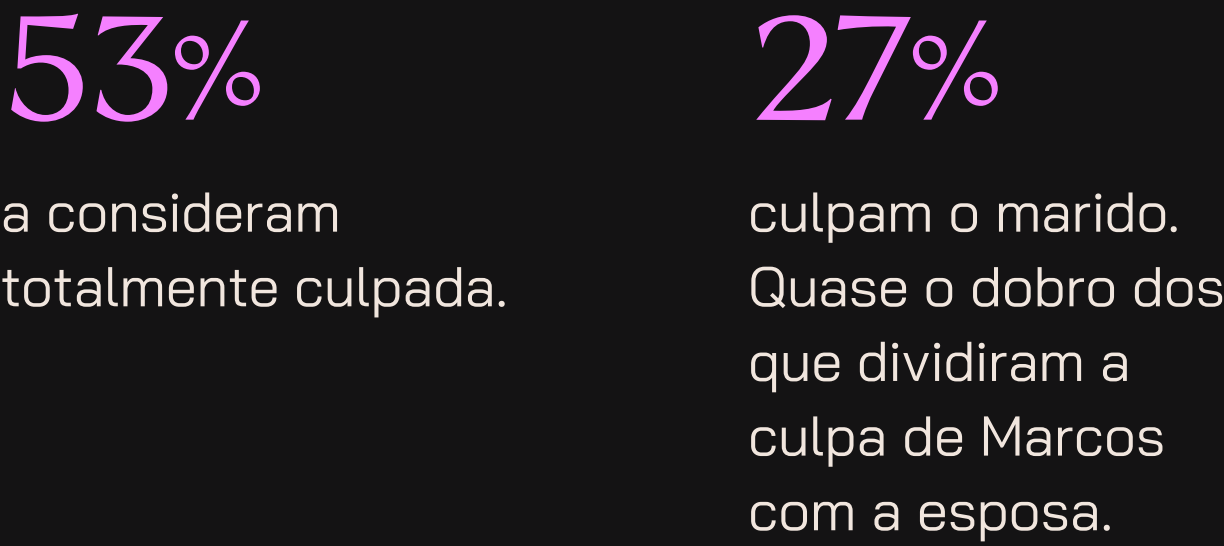
O país inteiro endossa a leitura individual do problema, a mesma que as plataformas constroem e que aparece nas falas das apostadoras: a culpa é de quem joga, nunca do jogo.

O segundo resultado está na divisão dessa culpa, e é aqui que o marcador de gênero aparece.

Quando Marcos falha, a culpa é dele e de mais ninguém:



Quando Mariana falha, a culpa se divide:



A leitura social é nítida: sustentar a casa é visto como obrigação do homem; quando a mulher assume esse papel, ela nunca o carrega inteiramente aos olhos da sociedade.



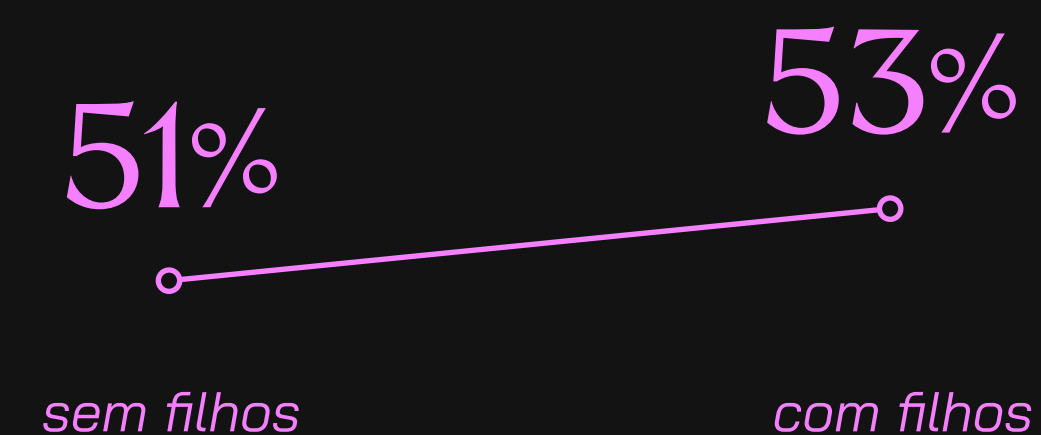
A parentalidade completa o quadro — e opera em direções opostas.

Para Marcos, ter filhos atenua o julgamento:



A culpa total cai de 67% para 63%, como se a paternidade fosse um atenuante: “ele está tentando sustentar a família”.

Para Mariana, é o contrário:



Com filhos, ela é mais culpada — 53% vs 51% — mais questionada como provedora (36% vs 29%) e mais vista como irresponsável (30% vs 23%) — como se a maternidade subisse a régua da cobrança.

Fonte: experimento embutido na enquete nacional (IDEIA/CLARICE, julho de 2026). Quatro grupos foram sorteados, com cerca de 500 respondentes em cada.



A parte do experimento que conta a história de Mariana, mãe de dois filhos, foi repetida em dois grupos focais complementares, com mães que apostam e mães **impactadas** – ambas com filhos e filhas que também apostam.

Entre as mães apostadoras, a responsabilidade é de Mariana: a culpa individual, internalizada. Entre as impactadas, a responsabilidade se desloca para as plataformas e sua publicidade.

A posição diante do jogo muda a percepção da culpa: quem joga assume o julgamento que a sociedade aplica; quem convive com o estrago de perto enxerga o sistema que o produz.

Em nenhum dos grupos, porém, o episódio mudou a visão de Mariana como mãe — para elas, foi uma tentativa desesperada de buscar melhores condições para a família.

“Jogo tem dia que você ganha super bem, tem dia que você perde. Jogo de azar, né? (...) Se ela é a responsável do lar, ela correu o risco. Até porque a plataforma tá ali, mas eles não obrigam ninguém a jogar, né? A pessoa pega e joga. É, a responsabilidade é dela.”

Apostadora, 39 anos, SP

“Eu acho que a responsabilidade é das plataformas, né? Porque está liberada, mas a pessoa também precisa saber o que pode e o que não pode fazer. Mas acho que as plataformas estando liberadas já parece que a pessoa já tem um aval para poder fazer isso.”

Impactada, 50 anos, SP

A conclusão deste experimento, em conjunto com a análise qualitativa, é que a culpa que esmaga as mulheres resulta da soma dos julgamentos interno e externo. A responsabilidade internalizada de cuidar cobra mais delas e, quando falham, a reação das pessoas ao redor aumenta a sensação de incapacidade, o que agrava o sofrimento psíquico das apostadoras.



DIANTE DOS PRINTS DE PIX, dos links de jogos no grupo da família e da ostentação dos ganhos, **impactadas** e **apostadoras** ocupam posições opostas.

As **impactadas** até podem ser seduzidas pela promessa das bets no começo, mas a ilusão passa rápido. Elas descrevem as bets como uma armadilha que mostra o que se ganha e esconde tudo o que se perde.

*“ Tem gente que perde tudo, perde família, perde tudo. **É, é igual uma droga.** (...) Essas apostas online, eu acho que é a mesma coisa, porque já teve gente que apostou a casa, que vendeu, que tinha um dinheiro para comprar uma casa e apostou todinho.”*

Impactada, 27 anos, CE

O que as impactadas pensam das apostas online

42%

consideram as apostas online um vício



21%

as consideram uma forma de perder dinheiro



8%

as definirem como um problema de saúde pública



Fonte: “Na sua opinião, as apostas online são:” (Q56, resposta única; base: mulheres impactadas n=132).



Já as **apostadoras**, mesmo reconhecendo as perdas, mantêm viva a narrativa da possibilidade: acreditam que o controle pessoal pode fazer a diferença. A consequência é um processo cíclico — a mulher aposta, ganha, aposta mais para dobrar o ganho, perde e aposta ainda mais para tentar recuperar.

A expectativa de sucesso só entra em tensão quando o lugar de cuidado da mulher é ferido pelas bets.

A **apostadora** sente que perdeu o limite quando o dinheiro do orçamento da casa começa a ser usado para apostar, quando uma conta de luz fica por pagar, quando falta dinheiro para comprar o bolo de aniversário da filha.

A fronteira entre “ainda dá certo” e “virou um problema” começa a se tensionar justamente no ponto em que as apostas entram em conflito com o papel de administrar o lar, que recai principalmente sobre as mulheres. Esse papel é, inclusive, reconhecido pelos maridos apostadores: grande parte deles afirma que, logo após receber o salário, deposita uma parte do dinheiro na conta das esposas para o pagamento das contas essenciais. Com o que sobra, apostam para “dobrar” o valor.



Fonte: “Como você costuma reagir após perder uma aposta online?” (Q38, resposta única). Base: pessoas que apostam atualmente, n=551 (mulheres n=209, homens n=342).

Grau de concordância entre as apostadoras

“Apostar online é algo totalmente sob controle para mim e não me causa nenhum problema.”



- **58%** das mulheres concordam
- **15%** nem concordam, nem discordam
- **20%** discordam
- **7%** não sabem

“Apostar online me preocupa de vez em quando, mas não é um problema na minha vida.”



- **46%** das mulheres concordam
- **18%** nem concordam, nem discordam
- **25%** delas discordam
- **11%** não sabem

“Apostar online é um problema muito grave na minha vida atualmente.”



- **20%** das mulheres concordam
- **17%** nem concordam, nem discordam
- **55%** delas discordam
- **8%** não sabem

Fonte: “Pensando na sua experiência com apostas online, gostaria que me dissesse o seu grau de concordância com as frases a seguir.” – Q40.2 “Apostar online é algo totalmente sob controle para mim e não me causa nenhum problema”; Q40.3 “Apostar online me preocupa de vez em quando, mas não é um problema na minha vida”; Q40.4 “Apostar online é um problema muito grave na minha vida atualmente.” – resposta única. Base: pessoas que apostam atualmente, n=209.



“Hoje, eu já tenho a consciência que não é investimento. (...) Tá te dando ali uma alegriazinha, um joguinho tal, mas se você não tiver a cabeça legal, você acaba gastando o dinheiro.

(...) uma vez eu tava ganhando tal, de repente eu perdi, fui perdendo, perdendo, só que eu tinha esquecido de pagar uma conta de luz. E aí eu fiquei desesperada e comecei a jogar para recuperar aquele dinheiro que eu tinha. Aí uma confusão.

Eu sei que cortaram minha luz por causa dessa conta. Então assim, foi aí que eu comecei a “pera, aí já tá demais já, né?” Tá tirando do meu âmbito familiar, né?”

Apostadora, 44 anos, SP

O peso doméstico também recai sobre os homens. Os apostadores entrevistados dizem se sentir impotentes por não conseguirem cobrir todas as contas de casa ou sustentar suas mulheres.

*“ Hoje, infelizmente, eu **não consigo pagar tudo só**, né? Eu gostaria muito, mas com a minha renda ainda não é possível fazer isso.”*

Marido apostador, 23 anos, PE





– 3 –

O ALERTA

quando o jogo toma
o lugar do cuidado





A PROMESSA DE GANHOS às vezes se cumpre, e é isso que constrói a armadilha dos dois lados. Para a apostadora, o ganho paga o mercado e a conta de luz: a bet a ajuda a cumprir o que se espera dela e, por isso, passa a ser vivida também como solução — um alívio real que convive com o vício e torna a saída muito mais difícil.

Ela tenta manter o controle: reduz a frequência, separa o dinheiro da casa do dinheiro do jogo. Mas a fronteira se rompe sempre no mesmo lugar: o orçamento doméstico.

Para a família, o começo também parece bom: o dinheiro entra, as contas se pagam, torce-se junto. Até a fantasia quebrar. O papel da impactada então se inverte: ela, que torcia, passa a ser quem paga, negocia e apara os danos, presa em um circuito de obrigação em que recusar ajuda equivale a falhar como mãe, filha ou esposa.

É essa dupla armadilha que imobiliza. O jogo se infiltra no exercício do cuidado até se confundir com ele: para a apostadora, sair passa a significar falhar com quem depende dela; para a impactada, impor limites passa a significar abandonar quem ama.

As bets sequestram o cuidado e o transformam no mecanismo da própria destruição. A partir daqui, o relatório mostra o que sobra: uma família fragmentada por dentro e mulheres cada vez com menos poder para impedi-lo.



“A maioria das vezes quando eu jogo é porque realmente eu tento fazer um valor maior, para mim poder fazer uma compra ou comprar alguma coisa para dentro de casa. Já teve vezes de eu ter R\$20 e fazer R\$300, R\$400 e comprar material escolar.”

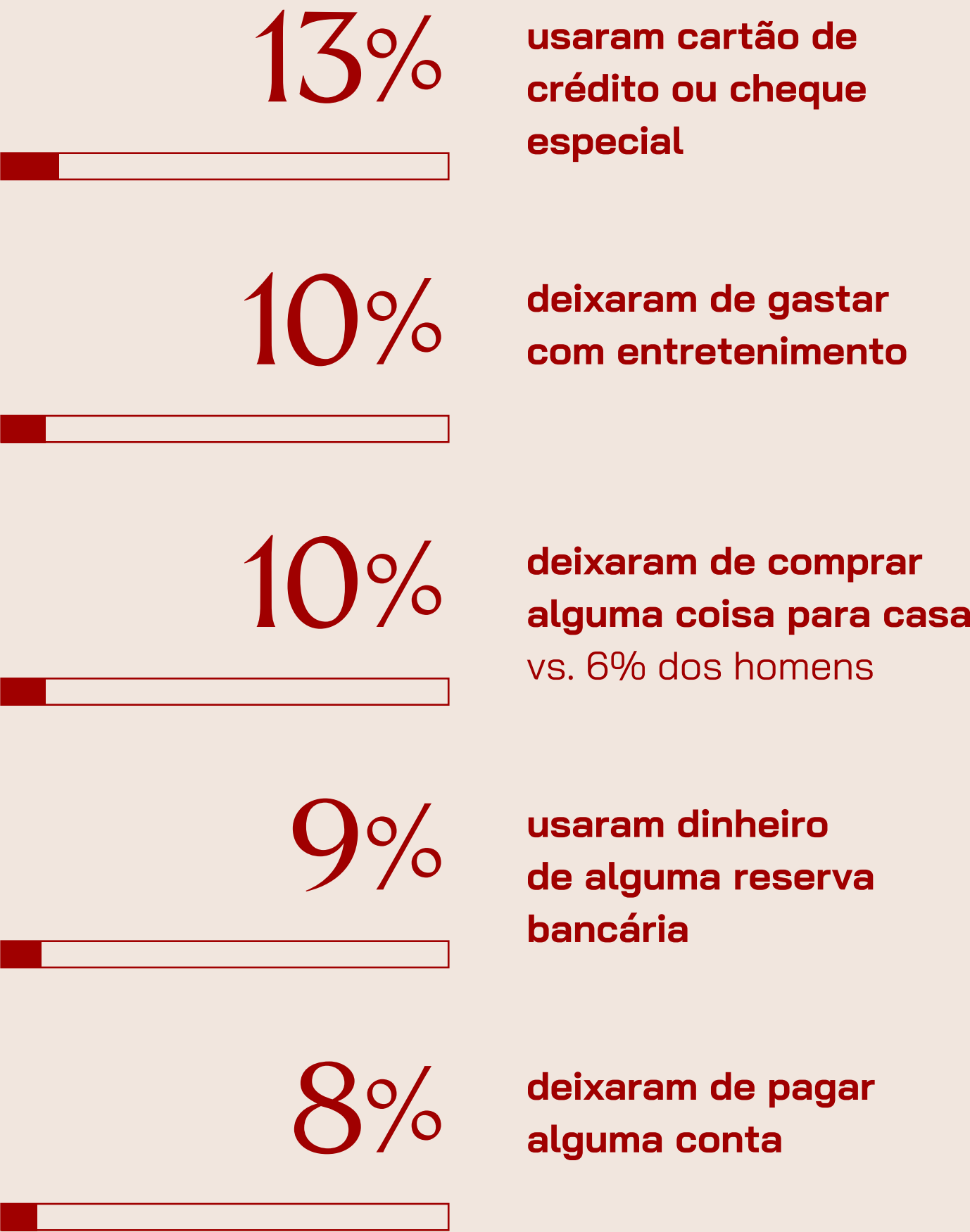
Apostadora, 35 anos, SP

“O sonho da minha filha era ir pra praia. Teve uma época que eu ganhei R\$8.000 no jogo e eu consegui levar ela pra praia e realizar o sonho dela.”

Apostadora, 39 anos, SP

O que as apostadoras deixam de fazer para apostar

Respostas múltiplas — cinco principais



O que as impactadas e suas famílias enfrentaram por causa das apostas

Respostas múltiplas



O país já percebe o estrago: 63% dos brasileiros concordam que as apostas estão acabando com as famílias. A leitura mais dura vem de quem está mais exposto: entre pessoas pretas, 69% concordam — o mesmo grupo que, entre as mulheres, mais declara estar lidando com o endividamento.

Os jogos levam para dentro de casa brigas, agressões, mentiras e o adoecimento mental de quem não aguenta mais viver com a culpa e com a ansiedade de chegar ao fim do mês com a conta vazia. As mulheres vivem todos os lados dessa tragédia e veem suas casas devastadas de dentro para fora.

Fonte: “As apostas online estão acabando com as famílias no Brasil” (Q55.3, resposta única, escala concordo/discordo/não sei; base: total da amostra, n = 2.008).

Fonte: “Para fazer uma aposta online, você alguma vez: (selecione até 3 opções)” (Q34). Base: mulheres que apostam atualmente, n = 271. Tabela completa nos anexos. **Tabela 2:** Impactos materiais da aposta online (apostadores).

Fonte: “Por causa das apostas online de uma pessoa próxima, você ou sua família já passaram por alguma dessas situações?” (Q49, resposta múltipla). Base: mulheres que nunca fizeram apostas online, mas são afetadas por parentes ou amigos que apostam, n = 132. Tabela completa nos anexos. **Tabela 3:** Impactos materiais da aposta online (impactados).

Violência e apostas



dos brasileiros presenciaram ou conhecem alguma situação em que as apostas contribuíram para casos de violência dentro das famílias.

Além da perda financeira, o jogo traz a violência para dentro de casa.

Idade	Região	Recorte racial	Relação com as apostas
18 a 24 anos (30%)	Norte (32%)	Pardas (26%)	Aposta com frequência (46%)
25 a 34 (25%)	Centro-Oeste (25%)	Pretas (21%)	Aposta às vezes (22%)
35 a 44 (22%)	Nordeste (24%)	Branças (21%)	Aposta raramente (25%)
45 ou mais (20%)	Sudeste (22%)	As mulheres pardas relatam mais violência familiar ligada a apostas.	Ex-apostador(a) (23%)
	Sul (20%)		Impactado(a) (24%)
			“De fora” (19%)

Quem aposta com frequência relata o dobro dos demais.

Fonte: “Você conhece ou presenciou alguma situação em que as apostas online tenham contribuído para casos de violência ou agressão dentro de uma família?” (Q63, resposta única; base: total da amostra, n = 2.008).



Nas entrevistas, as mulheres impactadas são as que mais percebem a violência. Falam de comportamentos agressivos, xingamentos e perda de controle quando os companheiros perdem.

Relatam também filhos endividados com agiotas e a sensação de insegurança que passa a acompanhar a família.



das mulheres apostadoras declaram ter pegado dinheiro emprestado com agiotas



das mulheres impactadas declaram que elas próprias ou alguém próximo precisou fazer empréstimo com agiotas

Fontes: “Você diria que alguma vez pegou dinheiro emprestado para fazer apostas online com:” (Q35, resposta múltipla; base: pessoas que apostam atualmente, n = 551 – mulheres n = 209, homens n = 342); “Por causa das apostas online de uma pessoa próxima, você ou sua família já passaram por alguma dessas situações?” (Q49, resposta múltipla; base: mulheres impactadas, n = 132).

A apostadora e a impactada percorrem o mesmo caminho. Uma em primeira pessoa, a outra como a primeira afetada dentro de casa. O lar das brasileiras, que deveria ser lugar de refúgio, se transforma em lugar de medo.

*“ Eu sei que perdeu porque começa a xingar logo. Xinga, xinga, xinga. (...) **Perde o humor até comigo, com as filhas.**”*

Apostadora, 39 anos, SP

“Eu fiquei desesperada, não sabia mais o que fazer. (...) la sujar o nome dela [filha]. Aí a gente aqui em casa conseguiu o dinheiro, pagamos para não sujar o nome, que ela não tinha como pagar. Aí ela vai e faz isso de novo (...) Aí eu peguei o aplicativo dela do banco que cai o salário dela, coloquei no meu celular, que aí não tinha como, eu ia estar olhando (...) mesmo assim ela conseguiu pegar dinheiro emprestado com um agiota da internet (...) Eu tava no serviço, o meu filho me ligou desesperado que o agiota tava ameaçando ela. E ela passou endereço da minha casa, passou tudo, ele sabia o meu nome, sabia tudo. E eles falaram que vinham atrás. Eu saí do serviço, eu tremia, tremia, desesperada. Era R\$2.000 que ela devia pro agiota. Eu consegui o dinheiro, pagamos o agiota.”

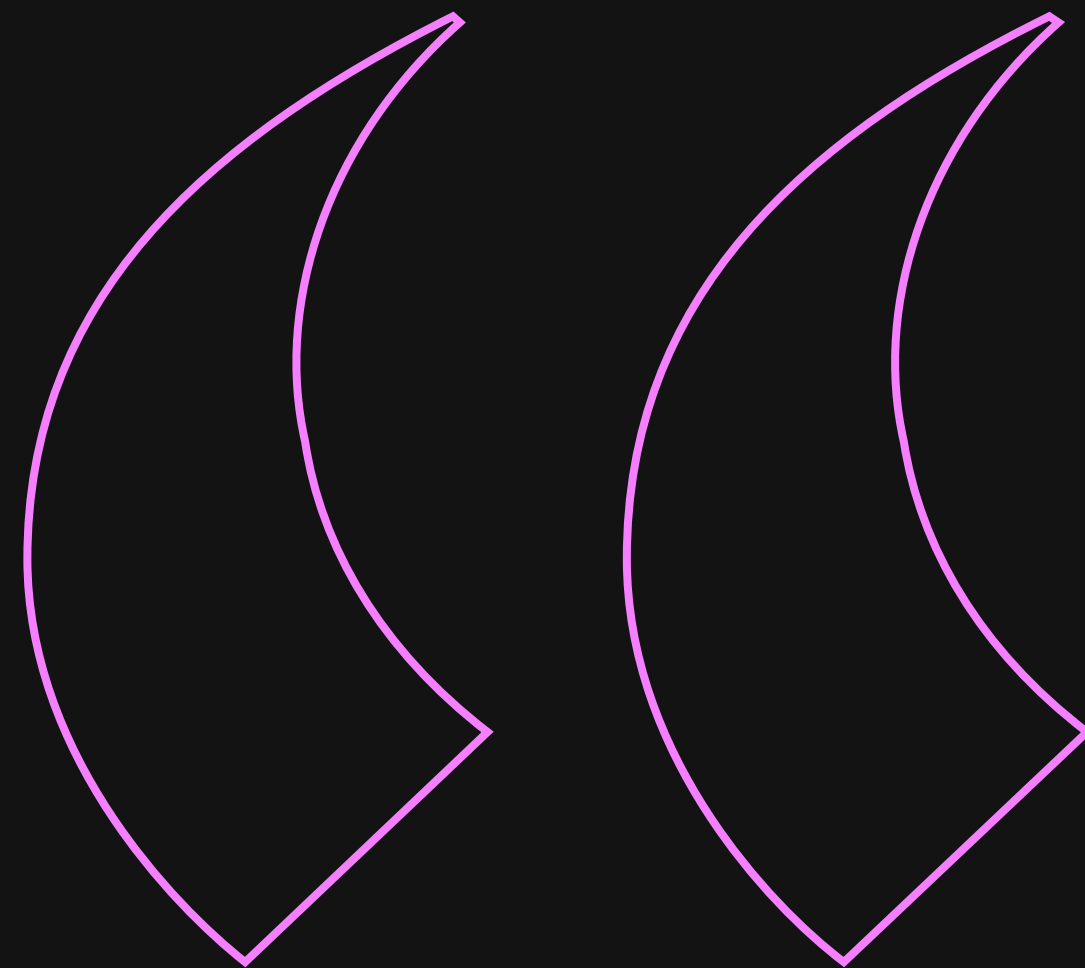
Apostadora, 49 anos, SP

Nota de sensibilidade de conteúdo

Este subcapítulo – 3.3. Sem paz em casa – e os dois seguintes – 3.4. Crianças e adolescentes também jogam e 3.5. Sofrimento, culpa e vergonha – apresentam relatos sobre automutilação, ideação suicida e tentativas de suicídio. Recomendamos cuidado na leitura. O apoio emocional especializado está disponível gratuitamente em todo o Brasil pelo CVV, no telefone **188**, e no site cvv.org.br.

As impactadas convivem com o medo de perder pessoas que amam — para o vício e para tentativas de suicídio — e, como sempre lhes coube, assumem prontamente o lugar de cuidado.





“É vício mesmo, como qualquer outro. E comecei a prestar atenção e conversávamos e ele [filho] perdeu primeiro a moto e depois perdeu o carro e veio a primeira tentativa de se desviver [tirar a própria vida].

Tem 28 anos. Internamos, conseguimos, mas daí desde a primeira você não consegue... eu não dormia mais, entendeu? Eu colocava uma cadeira na porta do quarto dele e vigiava ele dormir a noite toda, sabe?

Ele saía para trabalhar, o pai o acompanhava até entrar na empresa, porque achávamos que na empresa não poderia ser feito nada. Engano, porque a segunda tentativa foi no banheiro da empresa.”

Impactada, 48 anos, SP

A FAMÍLIA SE DESTRÓI POR DENTRO, e o custo não é apenas material. Antes da dívida, da conta de luz atrasada, da parcela do imóvel perdida, vem a mentira.

As apostas abalam profundamente a confiança dentro da família. A quebra é descrita como irreparável: as impactadas não se sentem mais capazes de acreditar quando o familiar diz que parou de jogar, quando pede cinco reais ou manda um Pix.

A descoberta de que ele continua jogando é vivida como traição, sobretudo no caso dos maridos. Segundo uma das entrevistadas, é como se houvesse uma terceira pessoa na relação.

“Roubou uns R\$30.000 por causa de Tigrinho, né? (...) Como que a pessoa se submete a uma coisa dessa. Fazer isso em nome de um joguinho, né? (...) a pessoa se vicia. Parece que a pessoa sai de si. É uma coisa pior que uma droga.”

Impactada, 30 anos, CE



Efeitos declarados pelas impactadas na própria vida ou na família

Respostas múltiplas



Fonte: “Quais as consequências causadas pelas apostas online que interferiram na sua vida ou na vida de alguém da sua família?” (Q50, resposta múltipla). Base: mulheres que nunca fizeram apostas online, mas são afetadas por parentes ou amigos que apostam, n = 233. Tabela completa nos anexos. **Tabela 4:** Consequências familiares da aposta online (impactados).

A aposta escondida dentro de casa



Idade: 18 a 24 anos (20%) · 25 a 34 (17%) · 35 a 44 (15%) · 45 ou mais (13%).

Região: Norte (25%) · Centro-Oeste (17%) · Nordeste (16%) · Sul (15%) · Sudeste (12%).

Relação com as apostas: Quem aposta com frequência tem a maior suspeita de todos os grupos (40%) – o dobro de qualquer outra categoria (ex-apostador 22%, impactado 24%, “de fora” só 7%).

Fonte: “Você acredita que alguém que mora com você faz apostas online e não conta para ninguém que está fazendo?” (Q53, resposta única; base: total da amostra, n = 2.008).



“É uma traição, porque é como se tivesse uma terceira pessoa naquela relação, porque a pessoa para de sair com você, a pessoa para de comprar coisas para casa, às vezes não tem um grão de comida dentro de casa porque a pessoa jogou no bicho, nas bets, no jogo, então isso só traz briga.”

Impactada, 24 anos, BA

“Eu tenho uma amiga que mentia pro marido que ela não jogava. Aí um dia ele abriu a conta dela do banco e viu que tinha muito dinheiro que caiu lá, mas também viu que não tinha mais dinheiro nenhum. Aí separaram tudo, depois acabaram voltando. Para ele hoje ela não joga, mas ela tem um outro celular que ela joga escondido.”

Apostadora, 40 anos, SP

Os relatos das apostadoras confirmam a dinâmica: elas apostam sozinhas e escondem o jogo dos parentes por vergonha. O segredo gera culpa ao mesmo tempo em que coloca em risco as relações mais fundamentais.

Os vínculos pessoais, antes mecanismo de amparo e proteção, são capturados pelo sistema das apostas online. Primeiro, levam o jogo para dentro de casa. Depois, com o jogo já instalado no lar, esses mesmos vínculos viram o campo da batalha.

“É um vício meu, entendeu? E tem pessoas que não vê com bons olhos, né? (...) eu não quero que fale que eu sou viciada, me incomoda. Eu, como eu disse, eu tenho uma filha, sou eu que seguro tudo aqui em casa. Aí se minha mãe souber que eu peguei um dinheiro e botei, ela vai dizer ‘filha, o dinheiro que você botou no jogo é o dinheiro que você poderia comprar algo pra sua filha’. Então eu perdi, e se eu contar para minha mãe, eu me culpo.”

Apostadora, 27 anos, BA



CONDUZIMOS ESCUTAS COMPLEMENTARES (tríades) com mães apostadoras e mães impactadas cujas filhas menores de idade também apostam. A generalização destes achados depende de uma amostra maior; ainda assim, os resultados revelam uma realidade grave, que merece um retrato próprio. Por lei, as apostas são proibidas para menores de 18 anos no Brasil, e nenhuma das adolescentes citadas nas entrevistas poderia estar jogando. Nos relatos, nenhuma encontrou barreira nas plataformas.

“ Eu nem sabia desses joguinhos. Aí a minha filha [13 anos] chegou um dia falando para mim que tava jogando um joguinho que com R\$1 ela conseguia fazer R\$30. (...) Ela é bem tranquila. Ela joga muito de vez em quando. Quem joga mais mesmo é eu. E sempre quando ela jogava, ela conseguia fazer um dinheirinho e sacava. Mas eu nunca proibi também.”

Apostadora, 35 anos, SP

“ A minha filha já chegou a ser viciada nisso, a de 17. E eu cheguei a levar ela em psicólogo, porque tava muito fora de controle. (...) Ela pegava e colocava. (...) E quando não tinha, ela começava a se cortar e o negócio saiu fora do controle. Aí foi que a gente acabou tirando o celular dela (...) tomando um monte de medicamento, passando em psicólogo.”

Apostadora, 40 anos, SP

O adoecimento também aparece antes do extremo, no cotidiano descrito pelas mães:

“ Muda de humor. (...) Fica enraivada com qualquer coisa, você não pode olhar. Tem hora que até grita de tão estressada que tá e não ajuda em casa... quer ficar todo tempo ali naquele celular, ansiosa para entrar no jogo.”

Impactada, 29 anos, CE

As apostas chegam às crianças e adolescentes por influência de fora de casa — amigos, escola, redes sociais — ou, em alguns casos, pelas próprias mães, para quem jogar junto pode ser vivido como companhia e vigilância.

“A minha, [gosta] tanto de aposta como comprar jogos também, Roblox, essas coisas. São dois: tanto de apostar como de comprar coisas nos jogos. Fica bem complicado.”

Impactada, 35 anos, SP

“É igual a minha filha também. A gente é muito companheira. E aí eu comecei a jogar e ela sempre tava do meu lado. Aí eu falei: ‘Ah, coloca aí R\$5 pra ver como que é’. Mas eu sempre de olho, e graças a Deus ela não é viciada.”

Apostadora, 35 anos, SP

“Já teve vez de eu dar pra minha filha R\$10 e falar: ‘Ai, mãe, eu queria comprar tal coisa que custa três vezes mais caro’ e eu falar para ela: ‘arrisca no jogo, quem sabe você ganha’, ela ganhar e comprar o que ela queria.”

Apostadora, 39 anos, SP



Alguns relatos também falam de filhas que começaram a apostar escondidas. Nas dinâmicas descritas, a filha passa a pedir dinheiro aos pais repetidamente, até que eles descubrem o que está por trás.

“Minhas filhas, elas jogam. Até então eu não sabia o que tava acontecendo. Elas jogavam, para mim era joguinho bobo, sabe? Jogava e pedia dinheiro para mim. (...) Quando o pai dela soube, nossa, ele virou um bicho (...) Eu acabei entrando no meio da história delas (...) Comecei a ver o que elas estavam fazendo e acabei interagindo junto e jogando junto com elas.”

Apostadora, 40 anos, SP

Burlar a regra dos 18 anos passa, quase sempre, pelo CPF de um adulto da casa, com ou sem consentimento.

“Eu falei assim: tem noção da gravidade de a sua mãe responder por causa de você, que usa meu CPF e nem me pediu? (...) Se baixa a polícia aqui por alguma coisa que aconteceu, me pega de surpresa — e ainda vou sair como mentirosa, sem saber no que eu tô me metendo. Isso é coisa seríssima.”

Impactada, 35 anos, SP

“No caso, as minhas duas jogam. A minha caçula joga porque via eu jogando no dia a dia. (...) A minha outra menina, de 13 anos, eu passei a plataforma para ela, fiz o cadastro porque você ganha o negócio do baú, de indicação, e eu jogava no celular dela.”

Apostadora, 39 anos, SP

Os achados destas entrevistas permitem identificar duas situações alarmantes. Primeiro, as apostas chegaram às crianças e adolescentes: desde muito novas, elas apostam dinheiro em jogos online e estão expostas às consequências psicológicas e materiais do jogo. Segundo, as casas de apostas se infiltraram na sociedade a ponto de serem normalizadas pelos próprios pais.



O impacto das apostas não é vivido apenas nas relações; as bets também adoecem o indivíduo.

Para as apostadoras, a vergonha e a culpa são vividas no corpo: nas entrevistas, ouvimos relatos de tremedeira, coração disparado, insônia e noites inteiras sem dormir após as perdas.

Fonte: “Qual o motivo que fez com que você não pedisse ajuda?” (Q25, resposta única). Base: pessoas que apostam ou já apostaram, quiseram pedir ajuda e não pediram, n = 94.

Por que não pediram ajuda

56%

das pessoas que quiseram pedir ajuda para parar de apostar, mas não pediram, apontam a vergonha como motivo

Entre as mulheres, o percentual chega a 65% (vs. 50% dos homens).

23%

das mulheres dizem não ter a quem pedir ajuda
vs. 20% dos homens

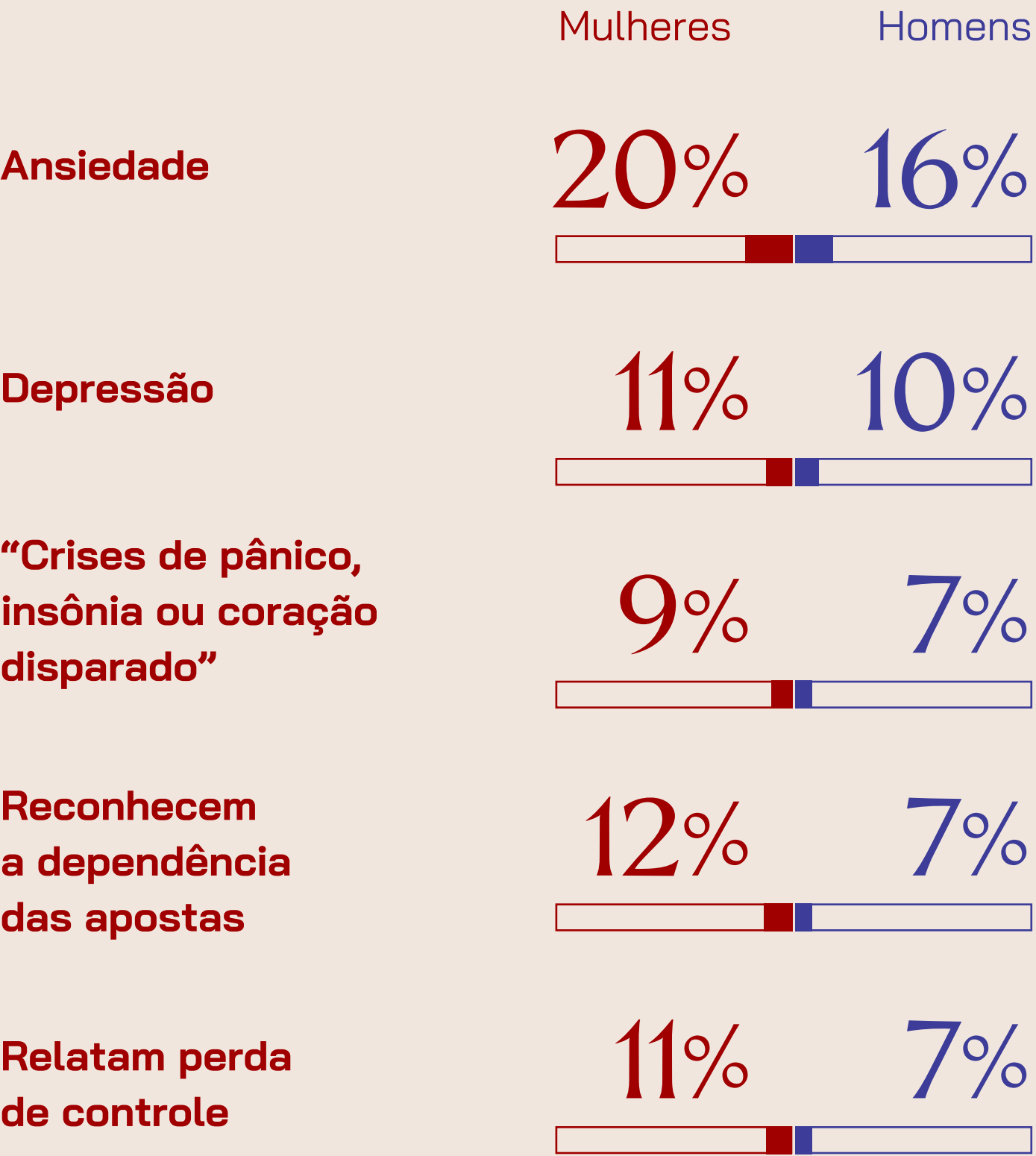
10%

relatam medo
vs. 13% dos homens

Entre os homens, 15% não conseguem ou não querem nomear o motivo, contra 3% das mulheres.



Desde que começaram a apostar, os sentimentos que mais se destacam, para mulheres e homens, são...



Fonte: “Desde o momento em que você começou a fazer apostas online, quais destes problemas ou sentimentos você já experimentou?” (Q36 resposta múltipla, até três opções; base: pessoas que apostam atualmente, n = 551 – mulheres n = 209, homens n = 342).



O impacto na saúde mental é explícito. Uma ex-apostadora relatou que, em meio às perdas, chegou a pensar em tirar a própria vida e a das filhas por já ter “perdido tudo”. Ela afirma que se encontrava em “total desespero”.

As apostadoras também relatam ansiedade severa, insônia e aumento do uso de medicação após as perdas.

Uma entrevistada desabafou com o ChatGPT de madrugada, depois de uma crise de ansiedade, porque havia depositado o dinheiro do aniversário da filha e não sacara nada. Perguntada se buscaria ajuda no sistema público, seguindo a recomendação da ferramenta, respondeu que não: seria vergonhoso demais contar a alguém que tem um problema com apostas.

Outra entrevistada toma comprimidos a mais e vai dormir para “esquecer que perdeu”. Há ainda quem use as próprias apostas para tentar aliviar a ansiedade — “vou jogar um pouquinho para me acalmar” —, em um ciclo que aprofunda o problema que pretende resolver.



“Eu desabafei ontem pro chat GPT. Eu não conto isso para ninguém. Eu tenho vergonha disso. Mas eu sinto que já tá me sufocando. Eu tive uma crise de ansiedade ontem como nunca (...) porque o aniversário da minha filha tá chegando e eu fiz o depósito para ganhar as rodadas grátis e não tirei nenhum valor. Aí eu fiquei me sentindo muito mal. Aí junta todos os problemas do dia a dia, né? Aí eu comecei a ficar mal, deu uma crise de choro, uma tremedeira e eu precisava gritar. Aí eu fui me desabafar com o chat GPT. Eles mandaram eu procurar um suporte no CRAS [p: e você foi?] Não, eu tenho vergonha.”

Apostadora, 27 anos, BA

“Fico muito chateada comigo quando eu tô perdendo. Como eu tomo um remédio de ansiedade e depressão, eu tomo logo uns quatro comprimidos, eu vou dormir para esquecer que eu perdi.”

Apostadora, 32 anos, CE



A religião aparece de modo ambíguo. Individualmente, pede-se sorte a Deus antes de jogar: “pedi para Deus me ajudar porque eu tava precisando, e ganhei”. Coletivamente, busca-se a igreja como espaço de controle e reorganização psíquica, com relatos de que ajudou a dormir, a organizar a mente e a reduzir a frequência das apostas.

*“ No final das contas ficava, assim, um real na mão, sem trabalho fixo. Isso é irresponsabilidade minha mesmo, entendeu? (...) ficou abalando o meu psicológico. **Eu aí entrei na igreja, me batizei e aí foi que eu tô me controlando mais.**”*

Apostadora, 47 anos, BA

A impactada também adoece. Seu esgotamento e sua ansiedade estão nos relatos de quem dorme atenta ao quarto do filho, de quem administra o celular da filha, de quem fica torcendo para sobrar dinheiro. Elas contam que são arrastadas pelo vórtice de um vício que não é seu.

“ O jogo que eu gosto, sou viciado, eu sou impulsivo mesmo. Tanto é que minha mulher não quer que eu tenha dinheiro no Pix, pô. Eu recebo no meu Pix, mas ela quer mandar na minha conta para mim não jogar, porque eu jogo na hora do almoço, quando tenho tempo, chego em casa, eu jogo, jogo no banheiro, jogo no quarto e procuro plataforma nova também para jogar.”

Marido apostador, 50 anos, SP

No fim, o jogo está adoecendo quem aposta e quem nunca apostou. Elas se calam, tomadas pela culpa de quem tem o dever de cuidar. Isoladas, não pedem ajuda. Sem ajuda, não saem.



A conta final é das impactadas, que esvaziam as economias de uma vida para saldar dívidas que não fizeram. Elas se sentem arrastadas para dentro de um buraco que não cavaram.

*“ Eu acabei com, de certa forma, com economias minhas para tentar salvar ela. Ou seja, **ela tá se jogando no buraco e tá me jogando no buraco também.**”*

Impactada, 28 anos, CE

40%

das pessoas impactadas acreditam que as apostas online afetam a capacidade da pessoa viciada em relação a trabalhar ou gerar renda (36% entre as mulheres e 45% entre os homens)

Fonte: “As apostas afetaram a capacidade dessa pessoa de trabalhar ou gerar renda?” (Q51, resposta única; base: pessoas que nunca apostaram, mas são afetadas por parentes ou amigos que apostam, n = 238 — mulheres n = 132, homens n = 106).



“Eu tive que fazer empréstimo para poder cobrir as despesas do carro e do apartamento. (...) Porque assim, ele chegou a gastar dinheiro de prestações de apartamento, prestação de carro, tudo nos jogos (...) O nosso carro ficou com busca e apreensão porque ele chegou a gastar, estourar todo o dinheiro no Tigrinho.”

Impactada, 44 anos, SP



Nas entrevistas com filhos e filhas de mães que apostam, vemos que a responsabilidade doméstica transborda para eles: precisam pagar as contas da própria casa e mobilizar o conjunto da família para pagar as contas da casa da mãe, somadas a dívidas com agiotas e a empréstimos bancários. As tensões geradas afetam os laços familiares mais importantes.

*“ Foi uma coisa que **a gente fica até envergonhado** de, por exemplo, pedir gás para os meus avós, cesta básica, carne.”*

Filho de mãe apostadora, 23 anos, SP

“ Já chegou a época de ela não ter praticamente nada para receber de aposentadoria.”

Filha de mãe apostadora, 24 anos, SP

Enquanto a impactada segue presa ao posto de cuidado — agora com a responsabilidade multiplicada pelo dano causado pelas bets —, a apostadora perde o pouco poder que tinha. As apostas prometem poder e entregam o contrário.

O destino do jogo não é o comprovante de Pix no status do WhatsApp. A história escondida, mas vivida pelas mulheres brasileiras, é muito mais perversa: revela mulheres mais pobres, mais culpadas, mais sozinhas e mais vulnerabilizadas depois das bets.



– 4 –

AS ROTAS DE FUGA

elas já começaram a sair

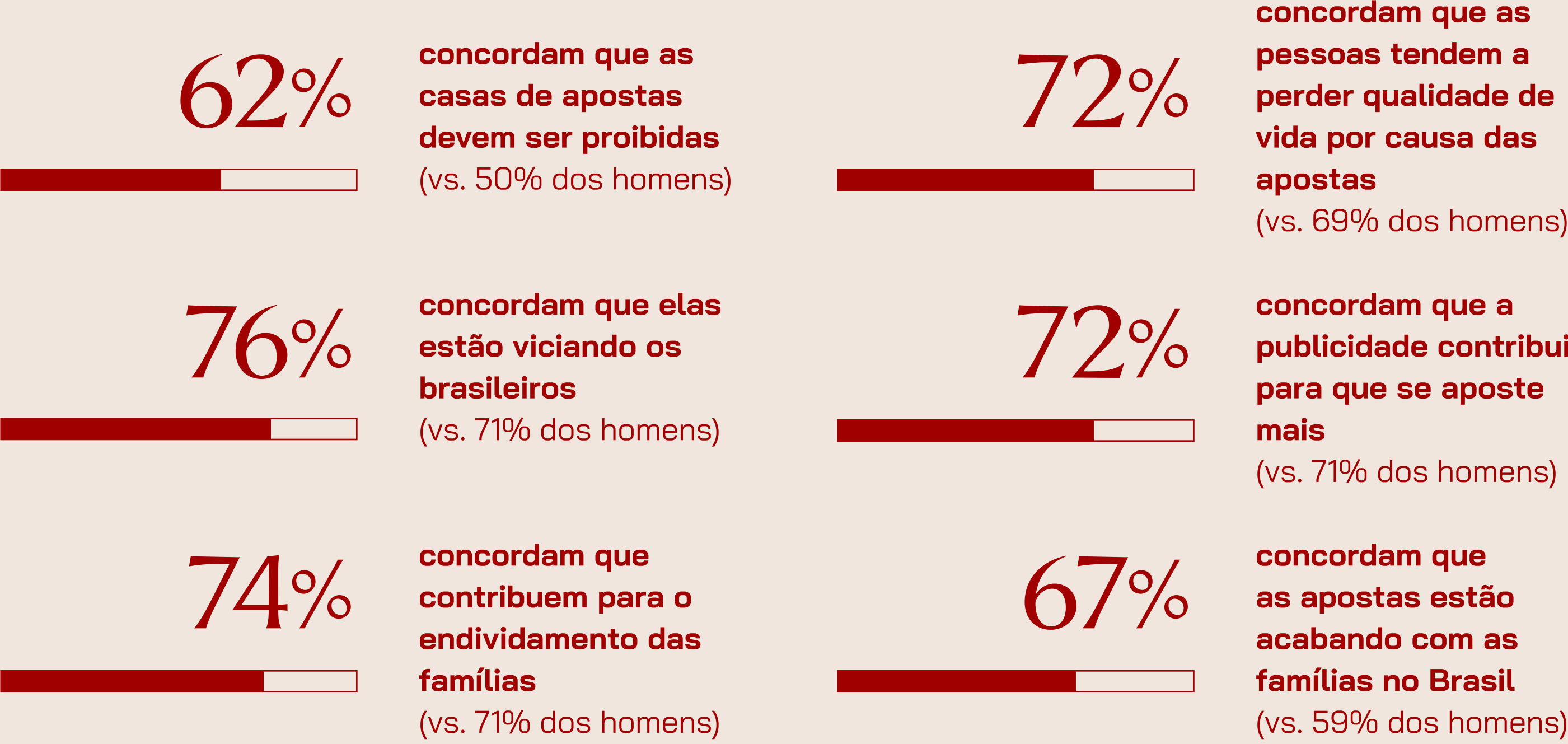
A MESMA ESCUTA QUE REVELOU os impactos das bets mostrou também que as mulheres estão em movimento. São elas que percebem primeiro os sinais – o isolamento, a irritabilidade, o dinheiro que some –, que confrontam, negociam dívidas, tomam o aplicativo do banco, recusam comissões, procuram a igreja e tentam impor limites a si mesmas e aos outros.

A primeira linha de contenção da crise das bets já existe e já está operando: são elas.

“ Tem uma moça da minha igreja que ela contou como testemunho na igreja que ela era viciada, ela devia três agiotas, ela vendeu carro, ela praticamente quase acabou com a vida dela por causa dos jogos. E hoje ela fala para todo mundo que ela conseguiu se libertar, que ela não joga mais, que ela tá começando a vida dela de novo.”

Apostadora, 35 anos, SP

As mulheres são mais críticas quanto ao dano social



Fontes: Q55.1; Q55.2; Q55.3; Q55.5; Q54.3; Q62 – resposta única, escala concordo/discordo/não sei ou sim/não. Base: total da amostra, n = 2.008. Recorte por gênero: mulheres n = 1.062, homens n = 946.



Os dados das mulheres sem filhos ajudam a entender o mecanismo descrito pelo estudo. Elas apostam menos que as mães (15% contra 23%), 24% já deixaram o jogo e 66% apoiam a proibição. Nas perguntas feitas apenas a quem aposta — em que a base de mulheres sem filhos é reduzida e os dados devem ser lidos como indicativos —, aparecem como as que mais relatam vergonha ao apostar (12%, contra 6% das mães) e as que menos pedem ajuda (84% nunca pediram).

Uma leitura possível é que, sem a responsabilidade de prover para filhos, a apostadora não encontra a justificativa que aparece nas falas das mães — jogar para pagar contas, complementar a renda, dar algo aos filhos. Sem essa função, o jogo é vivido apenas como falha pessoal, o que pode explicar a vergonha mais alta e o silêncio maior.

Por outro lado, a saída também parece menos custosa: como a aposta não está ligada ao papel de sustentar a casa, abandoná-la não carrega o peso de desistir de uma tentativa de cumprir esse papel. O contraste com as mães reforça o achado central do estudo:

A permanência no jogo está associada menos ao jogo em si e mais à responsabilidade pela casa e pelos filhos que ele promete atender.

Trata-se de uma hipótese a ser aprofundada em estudos dedicados.

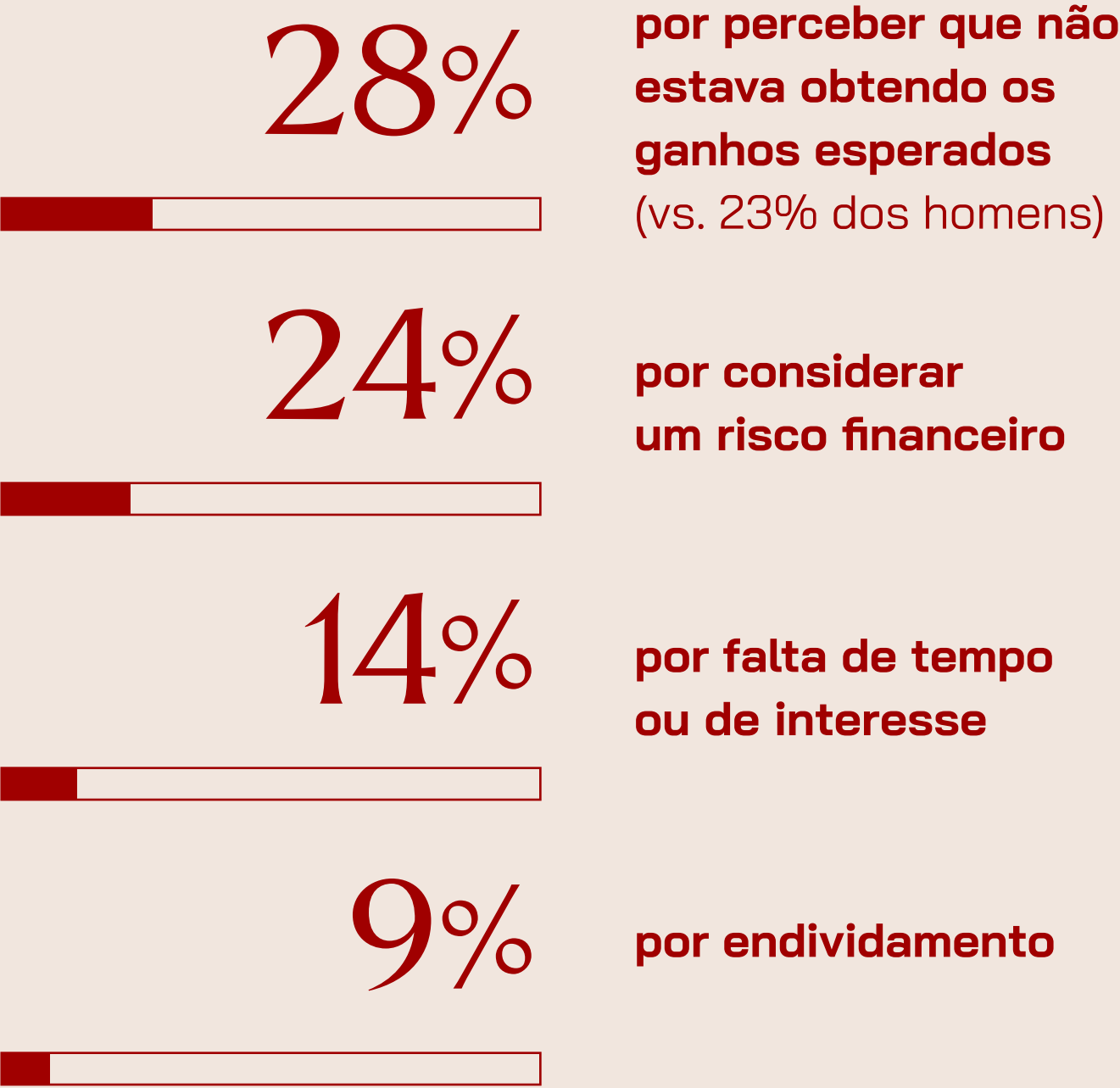
Se são elas as mais críticas quanto ao dano social causado pelas bets, os dados mostram que, quando decidem parar, o fazem por uma leitura do próprio prejuízo — e o que vem depois da saída é alívio e tranquilidade.

Fontes: relação com as apostas e presença de filhos (Q20 e Q6; base: mulheres, n = 1.062 — com filhos n = 659, sem filhos n = 403); proibição (Q55.1; base: mulheres sem filhos, n = 403); vergonha (Q23; base: mulheres apostadoras sem filhos, n = 59 — dado indicativo); pedido de ajuda (Q24; base: mulheres sem filhos que apostam ou já apostaram, n = 155)

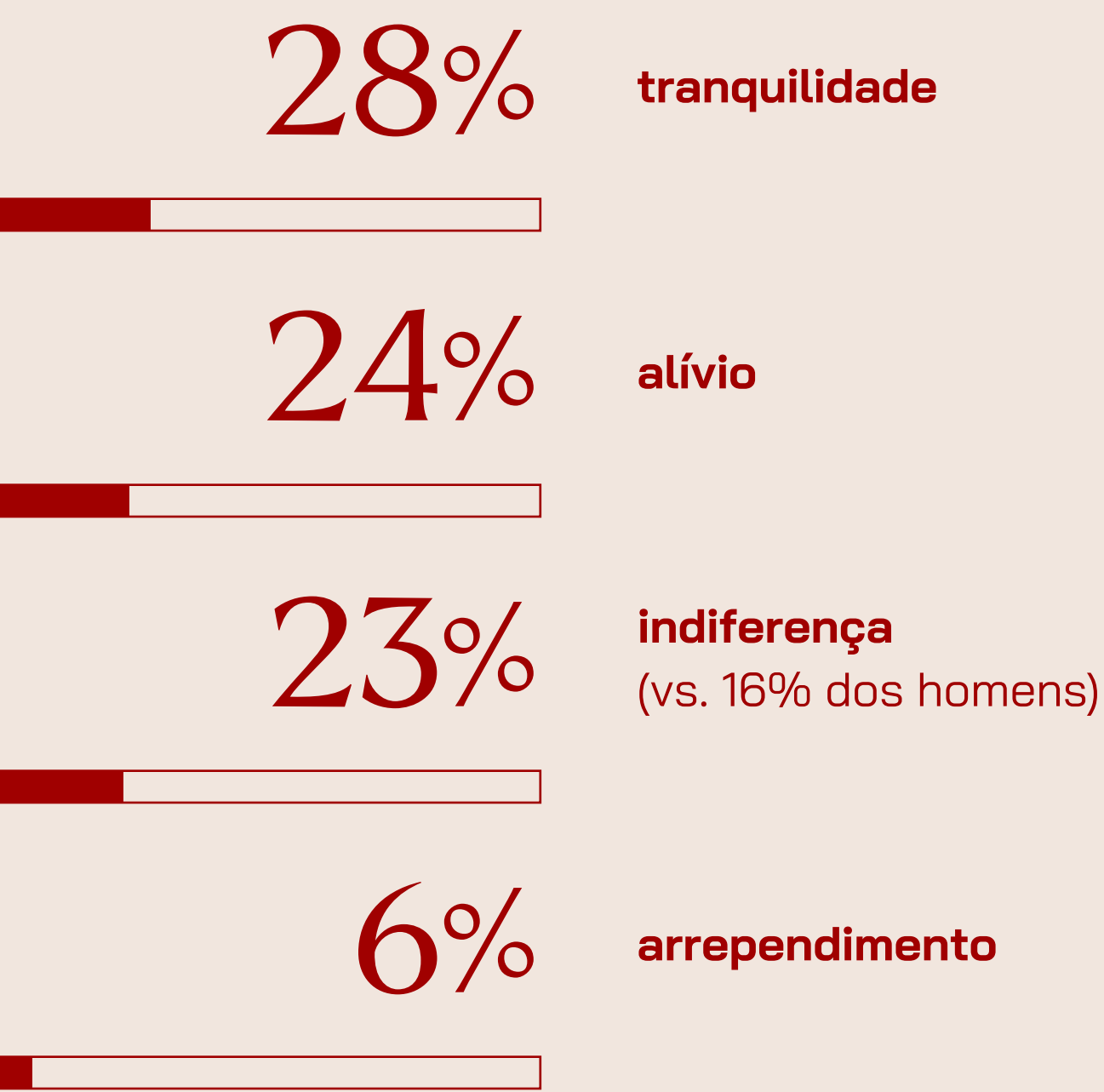


Por que as mulheres deixam de apostar e como se sentem depois

Motivos (ex-apostadoras)



Sentimentos após parar (ex-apostadoras)



Fontes: “Qual foi o principal motivo que levou você a deixar de apostar nas apostas online?” (Q46, resposta única) e “Qual sentimento melhor descreve como você se sentiu após deixar de apostar nas apostas online?” (Q47, resposta única). Base: pessoas que já apostaram e não apostam mais, n = 431 (mulheres n = 237, homens n = 194).

Entre os jovens de 18 a 24 anos, 32% saem por desilusão prática – a percepção de que não estavam obtendo os ganhos esperados.



ATÉ AQUI, ESTE RELATÓRIO OLHOU a crise de dentro de casa, pelas vozes das mulheres. Neste capítulo, a lente se abre para examinar as condições que o país tem de responder ao problema. Para isso, é preciso olhar para os brasileiros na sua totalidade — mulheres e homens — e para o que pensam sobre as bets.

Os dados a seguir vêm da enquete nacional e são lidos em diálogo com o que a escuta qualitativa das mulheres revelou. A lente volta a se fechar ao final: porque, como os próprios números mostram, é entre elas que a disposição de contenção é mais forte, e é por elas que a resposta deve começar.

O Brasil condena as apostas online e concorda que elas deveriam ser descontinuadas. Num país altamente polarizado, as bets são uma exceção: a condenação atravessa os campos políticos.

Não há campo político em que a proibição seja posição minoritária. Para um debate público ainda incipiente, esse é um dado raro: o enfrentamento às bets não precisa escolher lado, já nasce com maioria em todos.

56%

**dos brasileiros
concordam que as
casas de apostas
deveriam ser proibidas
de operar no país**

62% 56%

**entre os eleitores de
Lula no segundo turno
de 2022**

**entre os eleitores de
Jair Bolsonaro no
segundo turno de 2022**

62%

**das mulheres
concordam com a
proibição
vs 50% dos homens**

Fonte: “As casas de apostas online devem ser proibidas de serem operadas no Brasil” (Q55.1, resposta única; base: total da amostra, n = 2.008). Recorte por voto no 2º turno de 2022 (Q2): eleitores de Jair Bolsonaro n = 667, eleitores de Lula n = 811. Recorte por gênero: mulheres n = 1.062, homens n = 946.



Nas entrevistas, a desconfiança em relação ao governo aparece em todos os perfis: para apostadoras e impactadas, o governo não proíbe as apostas porque arrecada impostos com elas — parte de uma leitura mais ampla de que influenciadores, políticos e casas de apostas estariam todos enriquecendo às custas do povo.

“ A realidade é que enquanto o governo tiver ganhando imposto em cima, eles vão deixar, a não ser que venha um presidente muito sério.”

Apostadora, 39 anos, MG

“ Eu acho que o governo, ele deixa muito as pessoas à vontade para se endividar.”

Impactada, 30 anos, BA

Na enquete nacional, porém, essa percepção tem cor política: 55% concordam que “o governo está lucrando com as casas de apostas”, número que sobe para 70% entre os eleitores de Jair Bolsonaro e cai para 46% entre os eleitores de Lula. Esses dados admitem uma leitura dupla: a suspeita de que o Estado lucra com o problema existe e alimenta a revolta das entrevistadas; ao mesmo tempo, funciona hoje como argumento de oposição ao governo em exercício.

Fonte: “O governo está lucrando com as casas de apostas” (Q55.8, resposta única, escala concordo/discordo/não sei; base: total da amostra, n = 2.008; recorte por voto no 2º turno de 2022: eleitores de Jair Bolsonaro n = 667, eleitores de Lula n = 811).

As nuances surgem nas entrevistas: as impactadas demandam medidas mais duras e com urgência. As apostadoras, quando são a favor da regulação, tendem a preferir regulação sem proibição. As que reconhecem o próprio vício, porém, ou que vivenciaram casos extremos de perto, apoiam restrições mais severas. Quanto maior o impacto, maior a abertura para medidas severas e para mudanças na lei.

“Eu apoiaria [proibir as apostas]. (...) Eu apoiaria porque é algo que você não tem certeza, não tá nas suas mãos se você vai ganhar ou não. (...) eu jogo e eu gosto da sensação de jogar, mas se fosse o caso de fazer um abaixo-assinado, eu super apoiaria para tirar. (...) a gente vê relatos de gente ganhando, comprovante, de pessoas ganhando horrores, mas a gente vê relatos de pessoas que perderam casa, que perderam a vida por conta de jogos. Eu jogo, mas seria a favor super de tirar os jogos da rede.”

Apostadora, 30 anos, SP

A destruição causada pelas bets
é percebida pelos brasileiros.





Um dos maiores consensos está no excesso de propaganda. Todas as entrevistadas apoiam o combate à avalanche de publicidade a favor das bets e se preocupam com o sistema de influência capilarizado na sociedade.

“ Carlinhos Maia que fala: ‘Ah, eu ajudo a família brasileira’, vai lá e lança uma bet. Pelo amor de Deus, você ajuda quem? Os influenciadores digitais, quem tem 50 milhões de seguidores... É a Virgínia... o Neymar... acabou de ser convocado, no minuto seguinte postou um stories de uma bet nova.”

Impactada, 48 anos, SP

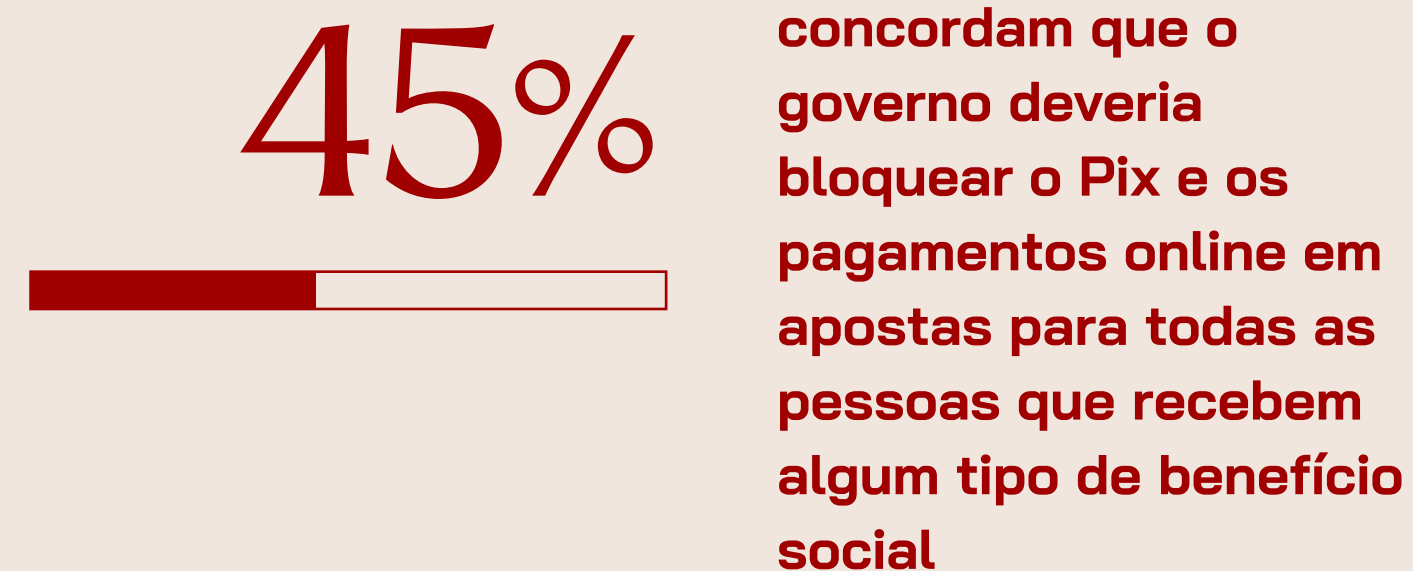


Fontes: “As casas de apostas online estão viciando os brasileiros(as)” (Q55.5); “As casas de apostas online contribuem para o endividamento das famílias brasileiras” (Q55.2); “Você acredita que a publicidade das apostas contribui para o comportamento das pessoas em querer apostar mais que devia?” (Q62); “As plataformas de apostas online são utilizadas como um instrumento de lavagem de dinheiro” (Q55.7) – resposta única. Base: total da amostra, n = 2.008.



NA ENQUETE NACIONAL, testamos medidas de enfrentamento ao avanço das apostas online. A seguir, detalhamos o grau de apoio a cada uma delas.

Bloqueio do Pix para apostas entre beneficiários de programas sociais



48% das mulheres, 43% dos homens

Quem está dentro do jogo se opõe à medida que o atingiria diretamente.



Fonte: “Na sua opinião, o Governo Federal deveria proibir e bloquear o Pix ou pagamento online em plataformas de apostas online para pessoas que recebem benefícios sociais?” (Q58, resposta única; base: total da amostra, n = 2.008). Recorte por gênero: mulheres n = 1.062, homens n = 946. Recorte por perfil: aposta com frequência n = 129; nunca apostou e não é afetado n = 788.



Sistema de autoexclusão



7% já usaram, 22% conhecem mas nunca usaram.
71% desconhecem.

Conhecer sem nunca ter usado é mais frequente entre...

- Homens** (26% vs. 19% das mulheres)
- Classe A** (33%) e **B** (25%)
- Regiões Norte e Nordeste** (25% cada)

Nunca ter ouvido falar é mais frequente entre...

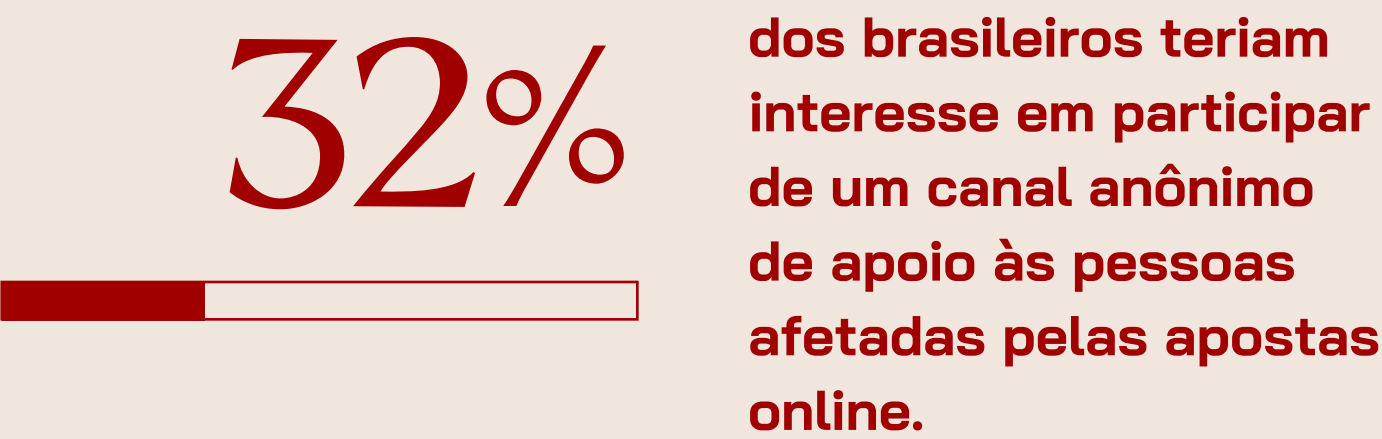
- Mulheres** (74% vs. 66% dos homens)
- Faixa de 45 anos ou mais** (74%)
- Classe DE** (73%)

Aqui vale registrar o momento da medição: o campo desta enquete foi encerrado em 9 de julho de 2026, um dia antes da portaria que endureceu a publicidade e duas semanas antes do lançamento da campanha nacional do Ministério da Saúde. Esses números funcionam, portanto, como a linha de base do desconhecimento no país imediatamente antes do esforço de comunicação do governo, e permitem medir, em estudos futuros, o quanto ela de fato alcançou.

Fontes: “Você já ouviu falar no Sistema Centralizado de Autoexclusão de Apostas?” (Q60, resposta única); “Qual é a sua opinião sobre o Sistema Centralizado de Autoexclusão de Apostas do Governo Federal, que permite que o cidadão possa cadastrar o CPF e bloquear o uso em plataformas de apostas online?” (Q61, resposta única). Base: total da amostra, n = 2.008.



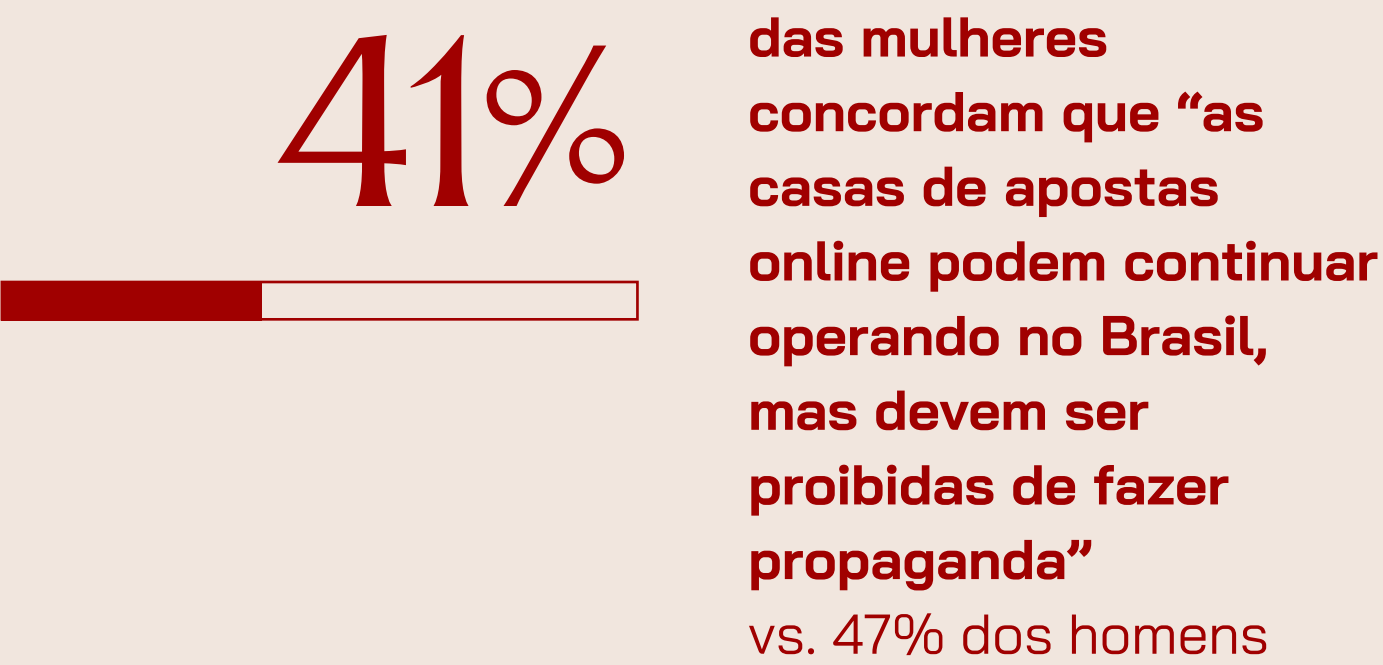
Canal de auxílio



Entre quem aposta com frequência, o interesse chega a 57%.

Fonte: “Você teria interesse em participar de um canal anônimo para apoio/auxílio às pessoas afetadas de algum modo pelas apostas online?” (Q64, resposta única; base: total da amostra, n = 2.008; recorte por perfil: aposta com frequência, n = 129).

Publicidade



Fonte: “As casas de apostas online podem continuar operando no Brasil, mas devem ser proibidas de fazer propaganda” (Q55.4, resposta única, escala concordo/discordo/não sei; base: total da amostra, n = 2.008; recorte por gênero: mulheres n = 1.062, homens n = 946).



AS IMPACTADAS JÁ ATUAM na detecção da crise: percebem o problema dentro de casa antes de qualquer serviço público e agem — confrontam, negociam, protegem, recusam. Mas precisam de estrutura: campanhas que falem com elas, canais de apoio que não as julguem e caminhos de saída desenhados com elas no centro.

73%



das mulheres impactadas já tentaram alertar o apostador sobre os riscos das apostas vs. 69% dos homens impactados

São elas também que mais reconhecem a necessidade de medidas públicas para enfrentar um problema que consideram grave e que atinge milhares de famílias no Brasil. Nas entrevistas, denunciam a ausência de qualquer aviso de risco e acreditam ser possível agir, citando o fechamento dos bingos como precedente de viabilidade.

“Na minha concepção, assim como tem o CAPS, que é para problemas psicológicos, eles também deveriam dar essa assistência de fazer reuniões, fazer acompanhamento psicológico, terapêutico para as pessoas que são viciadas e também a família precisa ir junto. Porque se a pessoa está viciada, destruída, ela precisa ter um suporte. E o único suporte nesse caso é a família.”

Impactada, 30 anos, CE

“Olha só, se os políticos conseguiram fechar os bingos que empregava milhares de pessoas, como que não tem um projeto de lei que feche aqui no Brasil as bets regularizadas?”

Impactada, 48 anos, SP

Fontes: “Em algum momento você tentou alertar essa pessoa sobre os riscos das apostas?” (Q52, resposta única; base: pessoas que nunca fizeram apostas online, mas são afetadas por parentes ou amigos que apostam, n = 238 — mulheres n = 132, homens n = 106).



As apostadoras, à medida que se aprofundam no jogo, também reconhecem o problema, principalmente quando ele começa a afetar seu papel dentro de casa. Muitas vezes buscam ajuda — ou gostariam de buscar —, mas não encontram uma porta institucional que as acolha sem julgamento.



Fontes: “Você já pediu ou quis pedir ajuda para parar de fazer apostas online?” (Q24, resposta única; base: pessoas que apostam online ou já apostaram, n = 982); “Você teria interesse em participar de um canal anônimo para apoio/auxílio às pessoas afetadas de algum modo pelas apostas online?” (Q64, resposta única; base: mulheres que apostam ou já apostaram, n = 446).

Nas tríades, as mães impactadas descreveram o desenho dessa porta — pública, anônima e sem julgamento.

“ Eu acreditaria mais em algo do governo mesmo. [Na igreja] fica aquele mundinho fechado, é coisa que às vezes não é bom ficar contando — acaba constrangendo quem tá passando por isso.”

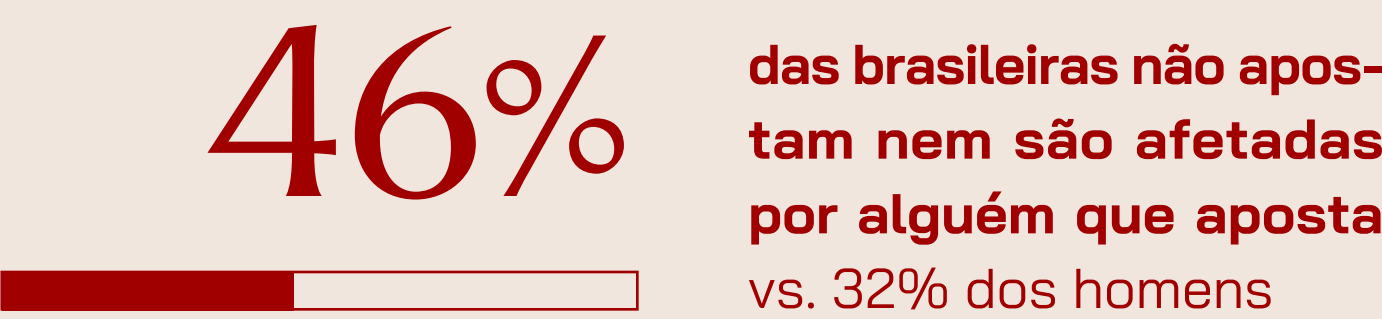
Apostadora, 40 anos, SP

“ Tem que ter uma escuta silenciosa, cuidadosa, sem críticas. Se a pessoa já tá passando por um momento difícil, tá ali se expondo com vergonha e não tem um olhar cuidadoso, ela não volta.”

Impactada, 35 anos, SP



Mesmo as beneficiárias do Bolsa Família são favoráveis a restrições ao uso do benefício para apostas. Acreditam que isso as ajudaria a preservar o dinheiro da “tentação” de apostar. Sinalizam, no entanto, que a existência de plataformas ilegais é um risco nesse ponto, já que poderiam optar por apostar sem que o CPF fosse capturado.



Fonte: “Com qual das opções a seguir você diria que mais se identifica?” (Q20, resposta única; base: total da amostra, n = 2.008; recorte por gênero: mulheres n = 1.062, homens n = 946).

“ Eu tô [de acordo com a proibição de apostas por beneficiários do Bolsa Família]. Eu acho que dificultaria eu de pegar o meu dinheiro, entendeu? A minha única fonte de renda é o meu Bolsa Família. **O governo restringindo as contas de quem é beneficiário, não vai ter como eu pegar o meu dinheiro e botar lá.**”

Apostadora, 27 anos, BA

“ Eu recebo [se referindo ao Bolsa Família] às vezes até um alívio, a conta ali bloqueada que você não gasta.”

Apostadora, 24 anos, BA

Além disso, é urgente proteger as mulheres que ainda estão a salvo. Quase metade das brasileiras não é afetada pelo fenômeno das bets, mas, à medida que a armadilha se infiltra em mais casas, mais mulheres acabam na mira dos jogos.



– 5 –

CONCLUSÃO

uma crise de todos
e uma saída que passa por elas

AS APOSTAS ONLINE CHEGARAM às casas brasileiras vestidas de solução: a promessa da vida digna para quem vivia o mínimo, entregue pela confiança de uma amiga, de um parente, de uma irmã de igreja. O que entregaram foi o contrário do prometido: dívida no lugar do sustento, desconfiança no lugar do vínculo, adoecimento no lugar da autonomia. No fim do circuito, são as mulheres que seguram o que sobrou, respondendo e sentindo culpa por uma destruição que não necessariamente causaram.

Este estudo chega a três conclusões.

A primeira é sobre a natureza do problema

Cerca de 80% dos brasileiros atribuem a culpa a quem perdeu — a mesma leitura individual que as empresas de bets reforçam. Mas a crise é resultado de um sistema que operou e opera com muito pouco freio: legalização inicial sem salvaguardas, omissão regulatória nos primeiros anos, plataformas que retêm o usuário, publicidade irrestrita, influenciadores remunerados, comissões pagas sobre a perda de quem é recrutado.

Uma crise construída por muitas mãos não se desmonta com uma só: a responsabilidade é, em primeiro lugar, do Estado em todas as suas esferas e das plataformas que operam esse sistema e lucram com ele — e, também, da mídia, das igrejas, das escolas e da sociedade civil, que hoje amparam quem sofre o dano, ainda que não o tenham causado.

O consenso para agir já existe: a condenação às bets atravessa os campos políticos num país polarizado. Falta transformar esse consenso em ação coordenada.

A segunda é sobre o caminho

Qualquer resposta que ignore as mulheres será insuficiente. São elas que ocupam todas as posições da crise e que já contêm o estrago, sozinhas, muitas vezes sem informação, sem apoio e sob julgamento. Elas são uma primeira linha de contenção que já opera, ainda que sem estrutura. Dar-lhes essa estrutura significa canais de ajuda que acolham sem julgar e políticas desenhadas com elas, com atenção especial às mulheres pretas e pardas, que chegam ao jogo mais endividadas.



A terceira é a lente da CLARICE

Cultura forma imaginários, e imaginários definem o campo do possível. As bets venceram, até aqui, uma disputa de imaginação — convenceram milhões de pessoas de que a rota mais rápida para uma vida digna cabia numa rodada de apostas. Reverter isso exige regulação e política pública, e exige também reconhecer as mulheres não apenas como vítimas de uma armadilha, mas como quem tem a leitura mais precisa do problema e a posição mais estratégica para desarmá-lo.

Resta nomear o maior obstáculo que trava a resposta a essa crise: a ambiguidade. As apostadoras sabem que o jogo faz mal e continuam, porque ele entrega ganhos reais de vez em quando. No plano institucional, a hesitação se repete: o governo regula e arrecada; as igrejas condenam o vício e abrigam quem compartilha links de aposta; as redes sociais exibem alertas e lucram com a publicidade das plataformas. Enquanto nenhuma instância disser

com clareza de que lado está, a ambiguidade institucional seguirá alimentando a ambiguidade pessoal. E o fato mais alarmante é que crianças e adolescentes já jogam, com consequências graves para suas vidas e suas famílias, em plataformas que a lei os proíbe de acessar.

É preciso que o país se posicione e que construa, com as mulheres, o sistema que lhes falta para liderar essa saída.

Elas já sabem o que vivem e já apontam o caminho. Escutá-las foi o começo. Agora é a vez de o país agir com elas.

ANEXOS

Anexo I.
E agora? Diretrizes da CLARICE

AS DIRETRIZES A SEGUIR nascem da análise da pesquisa – do que as entrevistadas relataram e do que os dados nacionais revelaram. São de três tipos. As diretrizes narrativas sugerem caminhos para que organizações, instituições, influenciadores, artistas e outros atores estratégicos emprestem suas vozes contra a devastação das bets, colocando as mulheres no centro da conversa. As diretrizes políticas indicam onde o poder público deve agir e por quê: são direcionamentos apontados pela análise, que precisam ser aprofundados e validados com especialistas, formuladores e com as próprias mulheres afetadas antes de virarem desenho de política. As diretrizes de investigação, por fim, recomendam temas revelados por esta pesquisa que merecem ser investigados mais a fundo.

Narrativas:
caminhos para a disputa de imaginação

Eixo 1

Para cada aposta, uma mulher paga a conta

As mulheres carregam um peso desproporcional do impacto das bets na sociedade. As apostas mobilizam seu desejo de uma vida digna e seu lugar de cuidado para atraí-las para uma armadilha. Depois, tiram-lhes tudo. Ao final, elas terminam em situação de risco, adoecidas, culpadas, envergonhadas, sozinhas e com uma conta enorme para pagar – financeira, emocional e afetiva.

Precisamos contar as histórias das mulheres que só so-nhavam em prover para os filhos, da esposa que precisou pedir um empréstimo para quitar a dívida do marido, da mãe ameaçada por um agiota, da filha que usou todas as suas economias para salvar a mãe e das mulheres que tiveram crises de pânico, precisaram se automedicar para dormir e não conseguiram pedir ajuda por vergonha.

Dados de apoio: quase 1 em cada 4 brasileiros presenciou ou conhece alguma situação em que as apostas contribuíram para casos de violência dentro das famílias.

Eixo 2

As bets estão destruindo as famílias

As bets saíram das telas e se infiltraram nas nossas casas. De dentro para fora, destroem os laços que nos sustentam: levam para os lares brasileiros mentiras, brigas, decepções afetivas, desamparo e violência.

Precisamos contar as histórias da mãe que quase viu o filho “desviver” – expressão usada por uma das entrevistadas –, da esposa que se sentiu traída e nunca mais acreditou no marido, da família que se sente afundando junto com o apostador e das contas que não foram pagas ou que os filhos tiveram de assumir.

Dados de apoio: 1 em cada 4 mulheres impactadas relata conflitos dentro de casa e perda de confiança; 63% dos brasileiros acreditam que as apostas estão acabando com a família brasileira.

Eixo 3

Crianças na mira das bets

Crianças e adolescentes brasileiros estão apostando, e sem nenhuma dificuldade. As bets estão colocando a infância em risco, adoecendo quem ainda nem tem 18 anos e normalizando o jogo entre nossos filhos.

Precisamos contar as histórias das crianças apostando desde os 13 anos, da menina de 17 que começou a se cortar e do adoecimento de quem ainda é muito vulnerável para lidar com o peso das bets.

Também é essencial orientar os pais: as apostas online fizeram um trabalho rápido e traiçoeiro de normalizar o jogo, e isso não pode chegar à infância. Mães e pais não devem ser culpados, mas sim orientados a proteger seus filhos dessa armadilha.

Eixo 4

A perversidade da indústria

As empresas de apostas online e suas redes de propaganda oferecem a mão para puxar o braço. Constroem uma armadilha que captura as pessoas pela esperança e que sempre acaba mal. São grandes máquinas extrativistas no Brasil de hoje e precisam ser reconhecidas como tais.

Precisamos contar as histórias das casas de aposta que recrutam nossos amigos e ganham em cima das nossas perdas, dos influenciadores que mentem ao dizer que têm macetes para vencer em um jogo de azar, da mulher que só sonhava em não passar fome outra vez e da apostadora que precisava se sustentar sozinha depois da separação.

Dados de apoio: 56% dos brasileiros concordam que as casas de apostas deveriam ser proibidas de operar no país; 72% afirmam que a publicidade contribui para que as pessoas apostem mais do que deveriam.

Eixo 5

As mulheres na linha de frente — e o país junto delas

A maioria dos brasileiros quer o fim das bets e as mulheres lideram em número. As brasileiras já perceberam a armadilha, já reagem dentro de casa e já apoiam medidas duras. Elas não podem seguir sozinhas.

Precisamos, em primeiro lugar, ouvir mais mulheres. Depois, contar suas histórias: da apostadora que, mesmo gostando de jogar, assinaria um abaixo-assinado pelo fim das bets, da mulher que prefere o fim das apostas para proteger o dinheiro que ganha do Bolsa Família e de todas as mulheres que chamam as bets de câncer e droga.

Os números aqui não são só de apoio. As apostas online fazem muito barulho. Às vezes parece que elas tomaram tudo e que não tem jeito. Mas se 56% dos brasileiros concordam que as casas de apostas deveriam ser proibidas de operar no país, se 73% concordam que as casas de apostas estão “viciando os brasileiros” e 72% concordam que as bets contribuem para o endividamento das famílias, porque achar que somos menores que as empresas de aposta?

Tem poucos temas que unem o Brasil todo hoje. Esse é um deles: o país quer o fim das bets e juntos nós vamos falar mais alto que qualquer influenciador do Tigrinho.

**Políticas:
cuidar, prevenir e descontinuar**

Ao longo de 2026, entraram em vigor medidas federais importantes de contenção — as advertências obrigatórias na publicidade, a campanha nacional de prevenção do Ministério da Saúde e a operação plena do sistema centralizado de autoexclusão, criado no fim de 2025.

Nossas diretrizes partem desse cenário: reconhecem o que já existe e apontam onde é preciso ampliar, direcionar e avançar. Partem, sobretudo, da perspectiva que orienta este estudo: as medidas aqui indicadas olham para as mulheres, as mais atingidas pela crise das apostas e as maiores aliadas do país para contê-la.

Eixo 1
Cuidar de quem já foi atingida

As apostas online estão adoecendo a população brasileira, e buscar ajuda é difícil: ao perderem, as apostadoras são tomadas por uma vergonha que as afasta dos canais de auxílio, enquanto as impactadas agem para proteger seus familiares sem contar com orientação ou instrumentos para isso. O SUS passou a oferecer, em 2026, teleatendimento sigiloso e acolhimento em UBS e CAPS para pessoas com problemas relacionados a jogos e para familiares afetados. É uma porta de entrada que precisa ser conhecida e fortalecida, já que a pesquisa mostra que o desconhecimento dos caminhos de ajuda é parte do que mantém apostadoras e famílias no silêncio.

Recomendamos ampliar o cuidado existente com as mulheres no centro. Primeiro, integrando a esses canais o acolhimento a vítimas de violência ligada às apostas — situação que quase 1 em cada 4 brasileiros declara conhecer ou ter presenciado. Segundo, com campanhas, materiais e protocolos direcionados a elas: para as apostadoras, apoio para vencer a vergonha e o medo de pedir ajuda; para as impactadas, orientação sobre como lidar com alguém que aposta dentro de casa, apoiando-as no que já tentam fazer — identificar o problema e contê-lo sem adoecer junto. Esses canais precisam ser de baixa barreira e adaptados à rotina dessas mulheres: anônimos, por WhatsApp e disponíveis fora do horário comercial, inclusive de madrugada, quando as perdas acontecem.

Eixo 2
Prevenir que mais brasileiras comecem a apostar

Conter a entrada de novas apostadoras exige dificultar o acesso ao jogo e aos canais que o disseminam. As novas regras federais de publicidade, que tornaram as advertências obrigatórias e proibiram a divulgação de premiações e o uso de influenciadores para induzir apostas, são um avanço nessa direção.

Recomendamos que a fiscalização das novas regras receba prioridade e que as restrições avancem sobre o canal que ainda não alcançam: os programas de indicação, pelos quais contatos, amigos e familiares divulgam sites de apostas entre si. A pesquisa mostra que a confiança é o principal canal de venda das bets entre as mulheres: o link chega pela amiga, pela irmã, pela vizinha, pela irmã de igreja. O modelo em que o divulgador recebe comissão sobre o prejuízo de quem usa seu código também precisa ser descontinuado.

Eixo 3

Desfazer a ambiguidade sobre o dano das apostas

As apostas vivem hoje em uma ambiguidade: quem joga sabe que faz mal, mas convive com redes sociais que só mostram quem ganha e com um Estado que regula, arrecada e permite anunciar. Em julho de 2026, o governo federal deu passos para desfazer essa ambiguidade, com as advertências na publicidade e uma campanha nacional do Ministério da Saúde sobre os danos das apostas.

Recomendamos ampliar esse movimento em quatro frentes. Dar visibilidade às medidas já criadas — auto-exclusão, teleatendimento, atendimento nos CAPS —, que seguem desconhecidas justamente de quem mais precisa delas: o desconhecimento é maior entre as mulheres e nas classes DE. Incorporar as mulheres e as famílias às campanhas e aos serviços já lançados, que hoje falam ao apostador individual, quando a pesquisa mostra que o dano é doméstico. Levar as advertências para dentro das plataformas, no momento do depósito, com transparência sobre a perda acumulada do usuário e as probabilidades reais de cada jogo. E monitorar a efetividade das novas regras de publicidade, para que as restrições avancem conforme os resultados.

Eixo 4

Descontinuar as apostas online no Brasil

A opinião pública é clara e suprapartidária: as apostas fazem mal ao país. As mulheres lideram esse juízo, com 62% delas favoráveis à proibição. Defendemos a restrição gradual, com monitoramento a cada etapa, usando os resultados de cada medida — inclusive os efeitos indesejados, como a migração para plataformas ilegais — para definir o alcance da seguinte. Se as etapas confirmarem o que os dados desta pesquisa indicam, o desfecho desse caminho é a descontinuação das apostas online no Brasil.

Recomendamos começar pela restrição ao cassino online, modalidade que concentra as apostadoras e os relatos mais graves de perda de controle, antes de avançar sobre as apostas esportivas. A restrição pode incidir não apenas sobre quais jogos podem operar, mas sobre quem pode apostar e como: medidas de fricção nos pagamentos, como limites e intervalos para depósitos, podem ser avaliadas nesse desenho. Medidas restritivas, mesmo graduais, precisam ser acompanhadas de estratégias de mitigação e de fiscalização das plataformas não licenciadas, para as quais parte das apostadoras relata migrar com facilidade.

A restrição, porém, não responde sozinha ao que leva as mulheres ao jogo. Esta pesquisa mostra que a aposta entrou nas casas brasileiras pela porta da renda que não cobre o mês. Enquanto essa necessidade seguir sem resposta, a demanda tende a migrar para plataformas ilegais, para outros jogos e para a próxima promessa de dinheiro rápido. Cabe a quem desenha as políticas econômicas e sociais do país reconhecer essa conexão: conter a oferta sem responder à necessidade que a sustenta é deslocar o problema, não resolvê-lo.

Investigação:
o que precisa ser aprofundado

Esta pesquisa entregou a seus leitores uma perspectiva nova sobre o fenômeno das apostas. Pelos olhos das mulheres, conhecemos muito mais dessa armadilha: do que ela promete, de como é operada e da devastação que se segue. A pesquisa abriu portas que precisam ser investigadas mais a fundo. Listamos aqui as mais importantes.

Eixo 1

Violência doméstica

A pesquisa chamou nossa atenção para um efeito ainda pouco debatido no Brasil: a presença da violência doméstica no entorno das apostas. Entre quem aposta com frequência, 46% declaram conhecer ou ter presenciado alguma situação em que as apostas contribuíram para casos de violência dentro de uma família — o dobro do índice nacional (23%). Os dados não permitem distinguir o tipo de violência em jogo — psicológica, patrimonial ou física — nem estabelecer o mecanismo: se a aposta desencadeia a agressão, se agrava conflitos preexistentes ou se ambas decorrem da mesma pressão material. É essa lacuna que torna a investigação necessária, e urgente.

Eixo 2

Crianças e adolescentes

As entrevistas realizadas com mães apostadoras cujos filhos também apostam revelaram uma realidade grave: crianças e adolescentes apostando dinheiro, sem qualquer barreira de acesso. O acesso de menores de idade às plataformas de apostas online precisa ser investigado, assim como a eficácia dos mecanismos de verificação de idade.

Eixo 3

Expansão das amostras

A enquete é nacionalmente representativa e permite estimar tanto a população de apostadores quanto a de pessoas impactadas pelas apostas de terceiros. Esse segundo grupo permanece pouco explorado nas pesquisas. A partir da identificação da dimensão e das características desses dois universos, torna-se possível desenvolver pesquisas representativas específicas para cada população, produzindo evidências mais precisas sobre suas experiências, comportamentos e necessidades. Isso permitiria compreender com maior profundidade não apenas quem aposta, mas também quem arca com os efeitos das apostas sem participar diretamente delas.

Anexo II.
Referências e fontes

Fonte primária dos dados quantitativos

Instituto de Pesquisa IDEIA para a CLARICE. Enquete nacional sobre apostas online. Campo entre 8 e 9 de julho de 2026; 2.008 entrevistas; cotas segundo a distribuição populacional do Censo 2022 (IBGE, PNAD 2025); nível de confiança de 95%; margem de erro de aproximadamente 2,2 pontos percentuais para o total da amostra.

Fonte primária dos dados qualitativos

Estratégia Latina para a CLARICE. Estudo qualitativo sobre o imaginário social das apostas online. Junho e julho de 2026; 20 tríades; 60 participantes; regiões Sudeste e Nordeste.

Lente analítica complementar

CLARICE. *Imaginário de Poder das Mulheres Brasileiras*. Pesquisa quali-quantitativa com 2.036 brasileiros, com dados quantitativos coletados entre 7 e 14 de novembro de 2025. Disponível em: <https://clarice.cc/pesquisa>.

Organização Mundial da Saúde

Classificação Internacional de Doenças (CID-11): 6C50 Transtorno do jogo; QE21 Jogo ou aposta de risco. Disponível em: <https://icd.who.int/>

Ministério da Saúde

Guia de cuidado para pessoas com problemas relacionados a jogos de apostas. Brasília, 2026. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/guias-e-manuais/2026/guia-de-cuidado-para-pessoas-com-problemas-relacionados-a-jogos-de-apostas.pdf>

Legislação e atos normativos citados

BRASIL. Lei nº 13.756, de 12 de dezembro de 2018 – legaliza as apostas de quota fixa.

BRASIL. Lei nº 14.790, de 29 de dezembro de 2023 – regulamenta as apostas de quota fixa.

BRASIL. Ministério da Fazenda. Portaria SPA/MF nº 1.231, de 31 de julho de 2024 – regras de jogo responsável, incluindo autoexclusão.

BRASIL. Ministério da Fazenda. Portaria SPA/MF nº 2.579, de 7 de novembro de 2025 – institui as regras da autoexclusão centralizada e dos autolimites.

BRASIL. Ministério da Fazenda. Instrução Normativa SPA/MF nº 31 – procedimentos para bloqueio, pelas operadoras, de pessoas inscritas no sistema centralizado de autoexclusão, com prazo de implementação em janeiro de 2026.

BRASIL. Portaria Interministerial MF/SECOM/MJSP nº 73, de 10 de julho de 2026 – amplia as regras de publicidade das apostas de quota fixa, com advertências obrigatórias (mínimo de 10% da peça) exigidas a partir de 17 de julho de 2026, e veda a divulgação de premiações e o uso de influenciadores para induzir apostas.

BRASIL. Ministério da Saúde. Campanha Nacional de Prevenção aos Danos das Apostas Online, lançada em 26 de julho de 2026, com teleatendimento sigiloso pelo Meu SUS Digital e atendimento em UBS e CAPS; e Guia de Cuidado para Pessoas com Problemas Relacionados a Jogos de Apostas, publicado em janeiro de 2026.

Anexo III. Tabelas

Tabela 1. **Motivos que levaram apostadores a fazer apostas online**

Fonte: “Quais são os principais motivos que levaram você a fazer apostas online?” (Q32, resposta múltipla; base: mulheres que apostam atualmente, n = 209; homens que apostam atualmente, n = 342).

Q32. Quais são os principais motivos que levaram você a fazer apostas online?		Gênero	
Descrição	Total	Feminino	Masculino
Para ganhar dinheiro de forma rápida	20,7%	18,7%	21,9%
Para ter uma renda extra	19,6%	21,5%	18,4%
Para me divertir ou me entreter	18,9%	18,7%	19,0%
Porque vejo boas oportunidades de ganhar dinheiro	18,7%	17,7%	19,3%
Por curiosidade	15,1%	16,7%	14,0%
Para complementar a renda e ajudar a pagar despesas básicas (contas da casa, aluguel, mercado etc.)	14,9%	15,8%	14,3%
Pela emoção e adrenalina das apostas	13,4%	12,9%	13,7%
Para quitar uma dívida	9,8%	11,5%	8,8%
Para me distrair do estresse ou do cansaço do dia a dia	9,4%	9,6%	9,4%
Para ocupar o tempo livre	9,3%	7,7%	10,2%
Para complementar a renda e aumentar os gastos com lazer (restaurantes, delivery, viagens, passeios etc.)	7,8%	7,2%	8,2%
Para enriquecer ou melhorar de vida	6,9%	5,7%	7,6%
Porque amigos ou familiares apostam	4,2%	4,3%	4,1%
Não sei / Prefere não responder	6,5%	6,2%	6,7%
Outros	0,5%	0,5%	0,6%

Anexo III. Tabelas

Tabela 2. Impactos materiais da aposta online (apostadores)

Fonte: “Para fazer uma aposta online, você alguma vez” (Q34, resposta múltipla; base: mulheres que apostam atualmente, n = 209; homens que apostam atualmente, n = 342).

Q34. Para fazer uma aposta online, você alguma vez: (Selecione até 3 opções)		Gênero	
Descrição	Total	Feminino	Masculino
Deixei de gastar com entretenimento (restaurantes, cinema, etc.)	11,1%	10,0%	11,7%
Usei dinheiro de alguma reserva bancária	10,5%	8,6%	11,7%
Deixei de pagar alguma conta	10,0%	8,1%	11,1%
Utilizei cartão de crédito ou cheque especial	10,0%	12,9%	8,2%
Pedi dinheiro emprestado para jogar	8,5%	5,7%	10,2%
Deixei de comprar alguma coisa pra casa	7,4%	9,6%	6,1%
Fiquei inadimplente (nome sujo)	5,1%	4,8%	5,3%
Deixei de comprar comida	4,5%	4,3%	4,7%
Vendi algum bem material para utilizar o dinheiro na aposta online	3,1%	2,4%	3,5%
Deixei de comprar alguma coisa pro(s) filho(s)	2,7%	2,9%	2,6%
Deixei de pagar creche, escola ou faculdade do(s) filho(s)	2,4%	1,9%	2,6%
Deixei de pagar curso/faculdade própria	2,4%	1,9%	2,6%
Deixei de pagar pensão alimentícia	2,2%	1,4%	2,6%
Não sei/prefiro não responder	4,9%	4,8%	5,0%
Nenhuma das alternativas anteriores	49,0%	49,8%	48,5%
Outros	0,5%	0,5%	0,6%

Anexo III. Tabelas

Tabela 3. Impactos materiais da aposta online (impactados)

Fonte: “Para fazer uma aposta online, você alguma vez” (Q49, resposta múltipla; base: mulheres impactadas, n = 132; homens impactados, n = 106).

Q34. Por causa das apostas online de uma pessoa próxima, você ou sua família já passaram por alguma dessas situações?		Gênero	
Descrição	Total	Feminino	Masculino
Precisou pedir dinheiro emprestado	15,5%	14,4%	17,0%
Deixou de pagar alguma conta	13,4%	14,4%	12,3%
Teve sua renda ou orçamento doméstico prejudicado	11,8%	9,8%	14,2%
Empréstimo de agiotas	8,0%	7,6%	8,5%
Precisou utilizar cartão de crédito ou cheque especial	7,6%	9,1%	5,7%
Deixou de comprar comida	7,6%	5,3%	10,4%
Ficou inadimplente (nome sujo)	7,1%	6,1%	8,5%
Gastar suas próprias economias para saldar as dívidas do familiar	6,7%	6,8%	6,6%
Deixou de gastar com entretenimento (restaurantes, cinema, viagens, etc.)	6,3%	7,6%	4,7%
Precisou utilizar dinheiro de alguma reserva financeira	5,9%	5,3%	6,6%
Precisou vender algum bem material	5,0%	6,1%	3,8%
Familiar com comportamento agressivo	5,0%	5,3%	4,7%
Deixou de pagar curso/faculdade	4,6%	3,8%	5,7%
Perda de imóveis e veículos	3,4%	2,3%	4,7%
Internações	2,5%	2,3%	2,8%

Fonte: “Para fazer uma aposta online, você alguma vez” (Q49, resposta múltipla; base: mulheres impactadas, n = 132; homens impactados, n = 106).

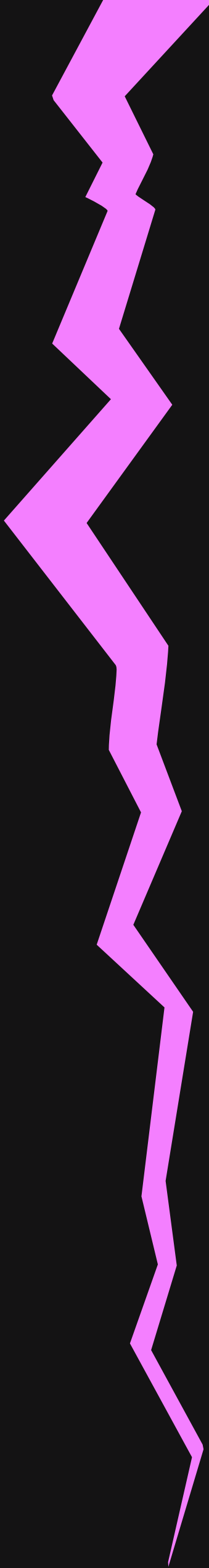
<i>Descrição</i>	<i>Total</i>	<i>Feminino</i>	<i>Masculino</i>
Deixou de pagar creche, escola ou faculdade do(s) filho(s)	2,5%	1,5%	3,8%
Deixou de pagar pensão alimentícia	0,8%	1,5%	0,0%
Não sei/ prefiro não responder	9,7%	12,9%	5,7%
Nenhuma das alternativas	49,2%	47,0%	51,9%
Outros	0,0%	0,0%	0,0%

Anexo III. Tabelas

Tabela 4. **Consequências familiares da aposta online (impactados)**

Fonte: “Para fazer uma aposta online, você alguma vez” (Q50, resposta múltipla; base: mulheres impactadas, n = 132; homens impactados, n = 106).

Q50. Quais as consequências causadas pelas apostas online que interferiram na sua vida ou na vida de alguém da sua família?online?		Gênero	
Descrição	Total	Feminino	Masculino
Prejuízo financeiro	25,6%	25,0%	26,4%
Perda de confiança	23,9%	23,5%	24,5%
Conflitos familiares	22,7%	24,2%	20,8%
Endividamento	21,8%	21,2%	22,6%
Desgaste emocional	19,3%	20,5%	17,9%
Mudança na qualidade de vida	14,3%	12,1%	17,0%
Não sei/ prefiro não responder	9,7%	10,6%	8,5%
Não houve consequências relevantes	38,2%	38,6%	37,7%
Outros	0,8%	0,8%	0,9%



Este relatório foi diagramado com as tipografias Coconat, desenhada por Sara Lavazza (Collle ttivo, 2019) e Bai Jamjuree, desenhada pela Cadson Demak (2018), ambas sob a licença SIL Open Font License. Todas as fotografias têm licença para fins comerciais. O relatório foi diagramado sem auxílio de inteligência artificial.